

# BOLETIM

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO-SP

N.13

Rua Caiubí, 126 - Tel. 864-1180 - Perdizes - São Paulo - SP

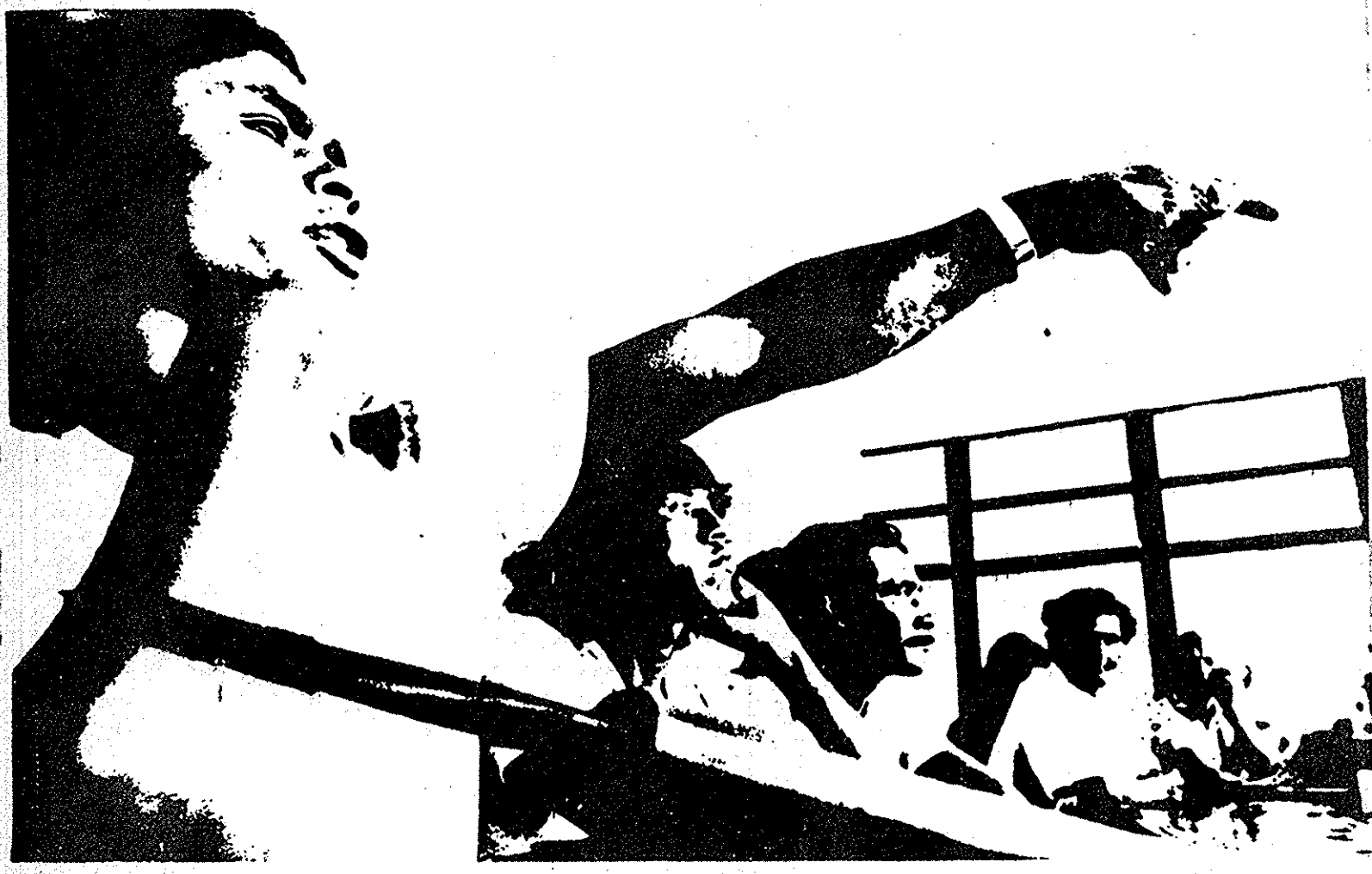
FEV-MARÇO/83

INSTITUTO  
SOCIOAMBIENTAL  
Documentação  
 Kardex  
 Indexação

EDIÇÃO ESPECIAL

## OS PATAXÓ E AS

## PROMESSAS DA FUNAIB



EDITORIAL

Este número especial do Boletim da CPI/SP vem divulgar depoimentos e documentos que atestam a situação presente dos Pataxôs Hã Hã Hã, desde sua transferência da fazenda Almada para suas terras de direito na área da Reserva Paraguaçu-Caramuru, até suas instâncias junto à presidência da FUNAI, em Brasília, no início de janeiro. A divulgação dessas informações sob a forma de um número especial do Boletim foi solicitada por Nelson Saracura, um dos líderes Pataxô, que encaminhou à CPI/SP a gravação da reunião com o Presidente da FUNAI e concedeu, junto com outros representantes dos índios de Paraguaçu-Caramuru, entrevista à Secretaria Executiva. O Boletim traz, ainda, uma entrevista do sertanista Odenir Pinto de Oliveira que, em nome da SBI - Sociedade Brasileira de Indigenistas - e à revelia da FUNAI, levou a cabo a Transferência.

É preciso lembrar que no dia 26/12, em Ilhéus, alguns líderes estiveram reunidos com o presidente da FUNAI que lhes disse que a solução da questão sobre as terras da Reserva estava nas mãos da justiça e que lhes restava esperar. Revoltados com o não cumprimento de promessas da FUNAI relativas ao fornecimento de ferramentas e sementes para o cultivo da terra e à melhoria das condições de vida dos índios na área da Reserva, os Pataxô dirigiram-se à Brasília, onde chegaram no dia 3/1. Nesse mesmo dia deram uma primeira entrevista coletiva à imprensa. No dia seguinte, encontraram-se com o presidente e o procurador jurídico da FUNAI. Dia 5 entregaram a D. Luciano Mendes (Secretário-Geral da CNBB) um documento solicitando o apoio da Igreja. Dois dias mais tarde, o juiz federal Lázaro Guimarães, de Salvador, concedeu liminar aos Pataxô no Interdito Proibitório interposto pela FUNAI garantindo, assim, sua permanência na área que atualmente ocupam. Essa área conhecida localmente como "Fazenda São Lucas" e que representa uma pequena parcela (1080 ha) da área total da Reserva Paraguaçu-Caramuru (36.000 ha), que lhes pertence de direito.

A decisão do juiz é também aqui reproduzida na íntegra. Dessa decisão o fazendeiro Jenner Pereira da Rocha e o Estado da Bahia recorreram, de modo que uma audiência de instauração de perícia técnica teve lugar em Salvador, no dia 14 de março. O juiz contará com um perito e cada uma das partes com um assistente técnico, encarregados da elaboração de um laudo antropológico sobre a situação das terras em litígio. O perito e o assistente técnico da FUNAI foram indicados pela ABA - Associação Brasileira de Antropologia.

Paralelamente ao Interdito Proibitório, corre na Justiça Federal em Salvador uma outra ação, na qual a FUNAI pede a nulidade dos falsos títulos de propriedade sobre a área da Reserva, expedidos ilegalmente pelo Estado da Bahia. Apesar dessa medida, a posição da FUNAI (expressa na reunião do dia 3, aqui transcrita) é a da negociação nos seguintes termos: os índios deveriam abrir mão de 29.500 ha em troca da garantia de posse definitiva sobre 6.500 ha. O órgão pressionou os índios para que aceitassem tal proposta, fazendo com que assinassem um documento nesses termos.

É um documento que a FUNAI não poderia elaborar e ainda menos solicitar aos índios que assinassem. A FUNAI é o órgão tutor e, nessa qualidade, — diz a lei — tem de defender o interesse do tutelado. Não poderia, portanto, permitir que seus protegidos assinassem uma desistência de seus próprios direitos, assinassem algo que os prejudicasse. E mais, como o índio é relativamente incapaz para os atos da vida civil (como comprar ou vender imóveis, adquirir ou decer direitos) só pode realizá-los com a assinatura do seu tutor legal, que é a FUNAI. Sendo assim, restam duas possibilidades que invalidam igualmente tal documento: ou eles o assinaram junto com a FUNAI (e nesse caso ela estaria atuando como tutor infiel, prejudicando direitos do tutelado) ou eles assinaram sozinhos, sem esta assistência (e como são relativamente incapazes, o documento não tem validade). É só um papel, como afirmam os próprios Pataxô, que não abrem mão de seus direitos à totalidade da área da Reserva Paraguaçu-Caramuru, os 36.000 ha decretados como seus já em 1926.

# ENTREVISTA COM LIDERANÇA



*Duas gerações Pataxó: o velho Ursulino Fernandes e o seu filho, o cacique Saracura. Eles representam a expulsão e retomada das terras de Pau Brasil.*

Foto : Carlos Santana

ENTREVISTA COM PATAXÓ - BRASÍLIA  
06/01/83 Secretaria Executiva

Secr.Exec. - Como foi o retorno de vocês da área da fazenda Almada, para o Posto onde vocês estão agora?

Pataxó - Quem vai falar é Edisio, Conselheiro da Comunidade Indígena Pataxó. O retorno nosso da fazenda Almada ao Caramuru, nós conseguimos porque morreu uma indiazinha, então morreu do dia 7 pra o dia 8, aí nós foi levar a índia ao enterro, fazer o enterro lá no Caramuru, aí nós foi tudo, todo mundo, nessa aí que conseguimos levar essa criança lá, aí, nós seguimos todo mundo, com muita saudade de nossas terra que estava distante, e nós conseguimos ir embora, quando amanheceu, quando foi dia 8, nós já amanhecemos lá, todo mundo, toda comunidade.

Secr.Exec. - Quantos eram nessa altura?

Pataxó - Nessa altura eram 350 índio.

Secr.Exec. - Quando vocês retornaram, lá em que situação vocês encontraram o Posto?

Edisio - Quando nós retornamos lá, que chegamos, tinha a polícia federal, que estava guarnecendo a área e aí nós chegamos, montamos nossos barracos, armar barraco e conseguir viver naquela mesma penúria que nós vivia e até pior, porque falta de água, sem encontrar lugar pra pegar água nada mesmo, tudo seco acabado mesmo e aí nosso sofrimento foi pior, porque nós chegamos de volta, os animais, nada disso, não chegou junto com nós, o que saiu da área não chegou junto com nós, foram duas crianças não chegou, porque morreu, toda essa caminhada nossa os animais não chegou até hoje. E através disso nós resolvemos vim até aqui Brasília com cacique Saracura, juntamente com a equipe que tá aqui junto, 9 índios lá dos Pataxó, e o que tenho que falar é só isso.

Secr.Exec. - Tu queria saber só uma coisa Nelson, vocês chegaram e encontraram essa situação. O que vocês sentiram? Acharam que poderiam resistir naquela terra até o fim? Como é que foi essa decisão de vocês ficarem na terra a que vocês têm direito?

Nelson - A visão nossa, assim no direito, porque a terra é nossa, então por isso é que nós voltamos pra Caramuru e estamos lá e não vamos sair mais. É nossa mesmo a terra, e nosso direito é como Edisio falou: nós tem direito de permanecer. Nós tava na fazenda Almada, saímos pra lá com muita conversa bonita, e aconteceu que tivemos assistência mas não foi como a prometida, então por isso eu, como o cacique da comunidade, achei aquilo um pouco errado, porque o que nós prometemos a nós, tem que cumprir. Então me prometeu e a toda a comunidade e por isso eu faltei a toda a comunidade, aquilo que me prometeram porque não tem. Me prometeram e não cumpriram, eu fiquei chateado com aquilo e vim por sorte nossa. Reuni a comunidade e fomos embora, acompanhar o nosso sangue e enterrar em nossa terra, porque é na nossa terra que pode enterrar. Porque na nossa comunidade, aliás em todas as comunidades nós não podemos enterrar fora de nossa terra, tem que ser nas nossas terras. Então por esse acordo, por esse pensamento meu, eu achei direito, e temos o direito de vir para a área com toda a comunidade.

Secr.Exec. - *São uma coisa Nelson: quando vocês chegaram lá e viram essa situação, sentiram aquela dificuldade como vocês pensaram?*

Nelson - Sentimos a dificuldade e por isso foi que eu vim aqui em Brasília falar com as autoridades. Não só da FUNAI, mas todas as autoridades da justiça do Brasil. Eu quero deixar claro pra todos, que eu vim com 9 índios e vou deixar no conhecimento de todo Brasil que é pra saber que nós estamos pedindo justiça, o que foi prometido lá na área não foi dado.

Secr.Exec. - *O que foi prometido?*

Nelson - Nos foi prometido primeiramente ser tratado de saúde; foi prometido um carro que iam dar um bote pra pescar no rio Almada, não deram; prometeram que iam dar rede e nunca chegaram essa rede. Prometeram um carro novo que é pra conduzir consumo de comestível, nunca chegou esses negócios; prometeram dinheiro pra comprar roupa para a comunidade, porque nós ia pra aquela área, que nós não ia trabalhar, ia passar umas férias (nós). Prometeram toda assistência de roupa, alimentação e ainda dava dinheiro pra nós comprar alguma coisa que necessitava na casa, algum paní

nho pra mulher, alguma coisinha. Isso tudo foi prometido e até a data nunca entregou.

Secr.Exec. - *Quem prometeu isso pra vocês?*

Nelson - Quem me prometeu foi o Presidente. Eu tenho fita gravada, ele não pode dizer que é mentira, e tem testemunha, tem de provar 8 índios da Comunidade Pataxó, tinha um cacique, o Aniceto Xavante, tava na hora e viu, e tinha também o Marcos Terena que trabalha na Funai, mas é um índio e estava lá vendo junto.

Secr.Exec. - *Agora, Nelson me diga uma coisa: vocês estão numa área que é cobijada, é uma terra que todo fazendeiro quer, como esses fazendeiros que estão em volta de vocês tem agido?*

Nelson - Eles ameaçam. Eu fui numa reunião com a FUNAI - e o prefeito que estava lá disse: "Índio não trabalha". Aí eu disse:

"O senhor como autoridade de Município, não podia falar isso. O senhor tem fazenda dentro dessa terra nossa?"

- "Tenho e é grande" - falou ele.
- "Pois é. Eu vou trazer 600 índios e botar pra fazer roça lá dentro da sua terra. Se combina seu prefeiteiro?"
- "Não combino" - ele falou
- "Porque o senhor não combina?"
- "Porque se eu combinar vocês tomam a minha terra".
- "Foi por isso que eu perguntei. Porque o senhor como autoridade é sabido, como é que nós podemos passar lá dentro? Você tomou nossas terras, invadiu, deixou nos avançando nas estradas, no seu pensar nós só temos direito na estrada, botar seu cadeado, não podemos comprar uma chave para abrir a água, porque nós não podemos passar na água". (isso eu falei pra ele aí ele calou a boca)

Secr.Exec. - *Vocês chegaram aqui em Brasília dia 3, dia 4 tiveram audiência com o presidente da FUNAI, como é que foi?*

Nelson - O presidente da FUNAI falou pra mim, com a Comunidade, o que é que eu achava que ele podia fazer.

- Falei: "O que o senhor podia fazer é resolver nossa questão. Dar nosso direito em mão, como o senhor prometeu".

Ele falou pra mim:

- "Saracura, tudo que eu pude fazer

eu já fiz, foi entregue toda documentação pro juiz e autoridade e justiça. Entreguei pra justiça, não depende de mim, o que dependia de mim eu já fiz e alguma coisa que depende de mim eu posso fazer, mas nesse ponto o que eu podia fazer já fiz. Dependendo do juiz porque eu sou mandado das autoridades, também, porque as autoridades mais alto do que a mim e vou lá, tem autoridade mais alto do que eu e por isso não posso passar por cima de les".

Secr.Exec. - Quanto a extensão da área ele fez alguma proposta?

Nelson - Ele falou nessa conversa, num acordo, mas nós não combinamos.

Secr.Exec. - Qual foi o acordo que ele queria fazer?

Nelson - Foi que um delegado da FUNAI demarcou a área e esse delegado fez um mapa lá e saiu fora do caminho nosso, nós não queremos, mas deixou um mapa feito pela mão dele, e por esse mapa ele quer, localizar uma área só, por enquanto, da fazenda São Lucas que é de primeiramente, e tem outra área, isso é por conta deles né Edisio? De 1200 hectares, não dá pra nós sa comunidade.

Secr.Exec. - Ele propôs isso?

Nelson - Ele propôs. Mas eu não combinamos nem eu nem a comunidade não combinamos. Porque não dá pra nós. E nós não podemos ter esses acordos porque se fosse pra justiça era toda área, porque agora a justiça quer dividir? Então, comigo falou, tem que cumprir.

Secr.Exec. - Então dos 36.000 ha que é a terra de vocês, ele propôs uma área de 1.200 hectares?

Nelson - Mas ele garantiu que até o fim de fevereiro tava entregue, e o resto ele ia lutar pra ver se conseguia. Até eu perguntei: "se você consegue escrever, e que não fosse cobrar não. Depois disso que ele falou, tem a obrigação de cobrar.

Secr.Exec. - Agora a questão, que vocês precisavam das ferramentas, na da disso ele falou que ia resolver?

Nelson - Nada disso. Ele falou: "Você queria plantar, isso eu não posso autorizar", porque se nós se nós cultivar estamos agindo contra a justiça. É o problema que eu estou pedindo, pra justiça resolver mais depressa. Saber

guiar nosso problema, resolver nossa questão e entregar nosso direito em mão.

Secr.Exec. - Enquanto isso vocês não vão plantar?

Foto: Correio Braziliense



Cacique Nelson Saracura

Nelson - Não podemos parar de plantar porque a terra é nossa e nós não vamos ficar pela Funai, porque nós somos fortes, porque pro presidente nós precisa esperar sentado, como aleijado, mas nós não somos aleijado. Graças a Deus, nós somos de coragem pra trabalhar, tá em cima da terra, então nós vamos trabalhar. Isso aí a justiça faça o possível pra dar um jeito porque nós não vamos ficar parado

Secr.Exec. - *Sõ outra coisa Nelson, o presidente da Funai, ele tentou fazer alguma promessa pra que vocês aceitassem aquele acordo?*

Nelson - Ele falou comigo assim, se fosse o caso de eu combinar, me dar uma fazenda fora da área, dito bem feita, pra mim e minha comunidade retirar da área, ele me daria. Fez a proposta, mas eu não combinei. Eu falei pra ele que não existia leis nem justiça pra mim aceitar isso, porque as minha terra não são de negócio, porque não interessava ele me dar uma fazenda completa de tudo ou uma casa boa, uma casa como essa aqui, um departamento pra mim não interessava. Pera aí, deixa eu contar o caso: "Se você me desse esse prédio aqui cheio de dinheiro; 'deixa de lado sua comunidade e fica um prédio pra você' eu não quero, nós indígenas se sente mal, nós sente mal com a energia, com esse negócio de luz. Falei assim: "pra que vou ser bom pro presidente, bom pro governador, bom pra justiça e cruel pro meu sangue que sofreram comigo, isso não é justiça pra mim, pô de ser justiça pro branco, mas pra mim isso não é justiça, e eu acredito que nem pro branco seja justiça". Depois falou que terra nossa não era pra negócio. E eu falei com ele:

- Minhas terra não são de negócio, não tem dinheiro que compra da gente".

Ele diz assim:

- "fica aqui que eu vou te dar isso, vá pegar que eu vou te dar".

Não, agora não saio. Não confio mais sair da área. E falei pra ele que ia dizer isso em todo Brasil, não escondido, que participava com toda autoridade, pequenas e grandes para ver isso escrito, eu falando com minha comunidade que nós vamos ser firmes na área e não vamos servir mais pra ninguém. O que é nosso é nosso e ninguém mais toma.

Secr.Exec. - *Depois desse encontro com a Funai o que que aconteceu aqui em Brasília?*

Nelson - Estou procurando as autoridades, a justiça, fazendo minhas entrevistas em jornais que é pra todo mundo ficar ciente, de grandes e pobres, de ricos e pobres de justiça, quem é justiça também, todo mundo vai pegar, até a criança que saiba ler pega o papel, vê: "Saracura tá pedindo justiça" - o negócio não é pedir justiça? Então todos nós vamos pedir justiça, vai brigar por nossos direitos. Nós temos uma reunião com o bispo, Dom

Luciano. Ele recebeu muito bem e eu fiquei satisfeito da presença dele e não foi eu só, toda comunidade estava comigo, ele recebeu bem e prometeu pra nós que ele irá fazer os maiores esforços que ele puder, para serem resolvidos os nossos problemas, de nossas terras entregue em nossa mão; me prometeu, que ele ia fazer um pedido ao presidente da república, lá ele disse que ia falar na Funai, o presidente da Funai disse pra ele falar pessoalmente com o presidente da república e levar o que eu escrevi, o que eu sinto, pro presidente da república que é um documento que eu entreguei a ele hoje, D. Luciano está sentindo, eu penso que todo filho de Deus, que sabe que existe Deus, existe justiça, sabe que isso é ingrato.

Secr.Exec. - *Como é o nome do senhor? (dirigindo-se a um outro Pataxó)*

Pataxó - Ursulino Fernandes, desde 1949 que eu venho sofrendo por essas terras. Criei esse filho pela fazenda dos outros, passando fome, trabalhando doente, porque o invasor nesse tempo tomaram as nossas terra e não teve justiça pra tomar providência. Tomei até um tiro e desse tiro quase morro não morri porque Deus foi cuidadoso. Hoje estou contando o caso e me sinto mal de lutar tanto e até a data nunca encontrei providência, boa vontade eu tenho achado muito, conversas agradáveis, mas até o momento nunca fui servido. O meu pedido talvez agora pode ter providência, porque o presidente da Funai, hoje é que tá tomando providência junto as autoridades, que tá interessado por nós. Nós tem confiança que somos vencedor, um dia nós ganhamo nossa terra, nosso direito em mão. Mas tamo sofrendo até a data, porque não podemos trabalhar. Passamos muita privação, o que nós temos não podemos ter junto com nossas mãos, nossas criação foi pra fazenda dos outros, morrendo, se acabando, estando inocente, e nós também sofrendo porque não podemos trabalhar tamo morrendo de fome porque a Funai tá dando assistência, mas nós sente mal porque não podemos trabalhar, olhando o posto porque é nosso e os outros que não é dono trabalhando. Eles tendo cobertura e nós não temos direito de trabalhar, então por esse motivo nós sente mal. Tamos aqui apelando pras autoridades tomar providência, pra ver que nós amanhã ou depois temos o nosso direito huma

no, porque todo mundo sabe que essas terra, mesmo a Funai, o presidente da Funai sabe que essas terras em princípio é uma área, foi uma reserva que o Presidente da República tirou pro índio, um dia e entregou pro índio que somos nós, que somos os dono e, depois então essas terras muito boa, houve os particular, os brancos se interessaram nas terra. Naquele tempo que Getúlio Vargas desapareceu, então o índio ficou sem cobertura, eles aproveitaram do ensejo e chegaram, invadiram, dizendo que nós era invasor das terra. Eles que era o dono, nós não tinha palavras porque naquele tempo o que valia era o dinheiro, então eles falava pra nós desocupar as terra. Pois é, eles dizia que eles é que era o dono, porque tinham documento. Porque os funcionários do SPI então, arrendaram as terras nossas, e nós não tinha documento nenhum pra representar, eles chegava com aqueles documentos na mãos e dizia que nós era invasor das terras, e dizia que nós desocupasse as terras, os índios que não queriam sair eles matavam e os que não queria morrer corria como eu corri. Então acabou muito índio.

Esse menino era pequeno, saímo rolando eu caindo com ele, eu cai por cima dele morrendo de medo, saltamo buraco, rio cheio, caímo. Então sofri mo, passamo fome e grupo de bandido atrás de mim pra me matar. Não foi só eu. De todos os índios daquele tempo que correu da área, que quantidade de índio então! Eles nessa ocasião não tinham governo pra nós. Nós era, como se diz, 'quase defunto sem choro', agora só quem tinha o direito era quem tinha dinheiro, era eles que tinha dinheiro, era eles que tinha dinheiro, então mandava matar o índio, e por aquilo mesmo ficava o índio, que perdia tudo. Então a gente não queria morrer não, os que não morreu, correu. Eu por exemplo que estou hoje contando o caso, então é por isso que tamos aqui lutando, batalhando pra ver que Deus nos favorece. Já foi autoridade pra tomar providência, e apelamos pra justiça pra tomar as providência pra entregar o que é nosso, que de sofrimento já não pode mais sofrer vendo o que é nosso...

O presidente da Funai garantiu que agora, depois das eleição, entregava o direito às nossas terra com todos os documentos em mão. Tô achando difícil, ele trata de decidir a terra porque nos tava dentro da nossa área, então foi um pedido pra nós dar uma retirada, uns três meses, pra ele poder resolver o problema da terra; a chave ele que nós dentro da terra, dá área, dava dificuldade, mas ele fez um pedido muito bom, nós achou que ele tava pedindo bem, sabe que o índio é tolo né? então nós confiou nele, porque ele falou assim:

- "tudo o que vocês me pedir eu dou, então vocês fazendo esse pedido, fazendo essa retiradazinha, eu vou resolver assim que passar as eleição, eu vou resolver, aí vocês retorna para suas áreas com todos os documento em mão".

- Não foi assim que ele falou? "Foi".  
- "Vocês vão ser os senhores das suas terras".

Então nós confiou e fez a retirada. Depois nós ia sair devagarzinho, então foi quando morreu, já tava com dois meses, morreu uma criançazinha, então nessa ocasião o pai disse:

- "Vou enterrá a minha filha dentro da nossa terra, na área".

Então nessa ocasião todo mundo acomodou, foi como nós foi pra dentro da área, depois agora eu digo, criou pra nós confusão. Entoce o juiz foi



Ursulino  
Fernandes, pai  
do cacique  
Saracura e hoje  
com 69 anos, se  
recorda de  
como seu povo  
foi expulso das  
terras. Muitos  
índios foram  
mortos.

Fotos: Carlos Santana

lá e disse que nós não tinha o direito de trabalhar na terra enquanto ele decidisse a questão e por isso nós estamos sofrendo, esperando, esperando pela justiça. Chegamos agora em Brasília com o presidente, o presidente tornou a falar que confiasse nele e no juiz, que agora no dia 17 de fevereiro, no dia 7 ele ia levar o documento e na última quinzena de fevereiro ele ia lá no Caramuru dar a decisão a nós, levar a solução da terra, agora ele não garantiu: E ele disse que quem ia apontar o canto era de ser os próprios índio. Então nós estamos com essa esperança, não sabe se vai dar certo né? Agora o Saracura acompanhado pela comunidade e os outros cacique da aldeia, todos prometem ajudar nós se acaso acontecer não receber esses direitos nessa data marcada, que nós poderemos tomar nossas providências.

Secr.Exec. - *Vocês estão conversando com outros índios de outras nações e pedindo apoio?*

Ursulino - Eles têm tudo com nós.

Nelson - Com os Xavantes, com os índio Gavião, com os índios Terena, com os Tucano, com os índio Karajá, todos os caciques estão na combinação porque o presidente da Funai, ele falou comigo, que nesse prazo se ele não cumprisse, esse trato dele que ele nunca falou pra não cumprir, e se ele não cumprisse que eu tomasse minhas providência com a justiça como eu quisesse fazer. Com isto eu estou obrigando a minha comunidade, mas mesmo que chegue a esse ponto eu já estou me prevenindo com toda minha comunidade indígena pra nós tomar providência, porque se ele faltar nós vamos agir com nossa comunidade, fazer nossa justiça indígena. De prova temos dois cacique aqui que já pode estar ciente de nosso caso junto com a comunidade; já apreciou nossa reunião com o presidente da Funai e com D. Luciano.

Ursulino - Mas vamos dizer que nós estamos confiando na justiça, né? porque acho que a justiça não vai dar, não vai deixar nós, como diz a Bíblia porque a justiça de Deus primeiramente, mas branco precisa da terra também e não vai deixar nós de lá pra cá, porque nós confiamos na justiça conforme estão pedindo pra nós confiar, e nós queremos justiça.

Nelson - Pera aí, e tem mais outro detalhe: nós vamos mostrar a todos os brancos que nós não somos como os bran-

co, que nós sentimos a dor do outro, mostrar pra esses branco que nós somos unidos, não somos desunidos como eles.

J. Nascimento - Aqui tá falando João Nascimento, Pataxó, fala a comunidade nossa aqui, o cacique o Saracura e com o conselho, nós viemos aqui a Brasília, com todo sacrifício, escondido até quase à noite, escondido para os branco não vê nós, pra não poder devorar nós. Inclusive o cacique, né? então nós viemos chegando a Brasília. No dia três, terça-feira, foi que nós conseguimos chegar aqui, então, então quando nós chegamos aqui, fomos descansar, viemos aqui cansado, assim mesmo chegamos aqui. Até os pés que apoiam nós, depois conseguimos chegar ao pé do presidente da Funai, ele prometeu umas promessas boas, mas às promessa dele nós não respondemos nada, quieto nós estávamos e quieto também ficamos. Então, quer dizer que nós viemos como os inocente lá no rio Amada, padecemos. Não matou, não roubou, não fez nada, por que os bichinho tão preso lá? isso é uma injustiça, será que não tem justiça no mundo? eu acho que há justiça, Deus. A gente padecemos por causa do branco, nós não temos direito de trabalhar nessas terras? Nós somos nativos da terra. Não queremos o dinheiro de ninguém, nós não queremos um palmo de terra de fazendeiro nenhum, nós só queremos nossa área pra nós trabalhar, pra nossas mulheres ter a possibilidade de ir no rio apanhar uma água boa e dizer: "Graças a Deus, estou feliz com minha terra, que meu marido apoderou e quando nós ficar velho, vai ficar pra nossos filhos e até pra nossos netos... pronto a minha palavra foi essa.

Zeferino - Quem vai falar aqui é Zeferino. Eu vou falar que o mesmo sofrimento do Ursulino eu vou apoiar, que o mesmo sofrimento dele foi o meu e de todo mundo de toda comunidade e, e o mesmo sofrimento foi o nosso, sempre corrido de bala, dormindo pelo mato e saí tudo. Com Tiribí tava comendo mangute quando soube a notícia, corre que vem um jagunço, que vem te acabar, tratei de comer o mangute, saí com Tiribí na mão por dentro da mata dentro sem saber onde ia sair, eu e minha irmã, saí num lugar chamado Antenouro, aí ficamos por lá sem apoio. Voltamos pra trás; estes cá atacavam, tem minha sogra que era a irmã de Ursulino, eles chegava pegava pela guela:

- Diga, onde tá o Samado?



- Ah! Eu não sei.
- Diga onde tá o Samado? Diga!
- Eu não sei, vocês me mata mas eu não digo onde que ele tá.
- Diga onde tá se não eu te mato.
- Eu não sei.
- É deixa, deixa, ela não sabe onde tá, deixa - outro dizia.

Tinha um pé de mamão de frente a ca sinha dela, faziam descarga, mataram até o pé de mamão, tudo de bala, e ho je como é que fica esses home? Antī gamente naquele tempo, agora hoje em dia, esses homem vai tirar as terra com bala, a ponto de bala, agora ho je em dia esses home fica levantando guerra, campanhas, manda o empregado pra terra do índio. Não pode ser uma coisa dessas. Deve ter leis. E é por isso que nós não corremos mais. E agora estão fazendo greve, greve por isso aqui eles tiveram fazendo greve com a terra do índio que foi pra Fu nai pagar, agora eles também deve pa gar, pagar o prejuízo que eles fize ram, porque nessa área foi cortado café, cacau, foi queimado café, cacau, tudo que tinha eles queimaram, a ma ta; a madeira não se achou nem pra tirar uma tábua, nem um pau pra ti rar uma tábua, porque eles devoraram tudo. Os índio antigo ainda muito se salvaram a vida porque tinha a mata, a mata era defesa do índio... eles mataram o índio e mataram a defesa do índio, por isso é que eles quer ser dono do índio, de tudo, mas eu vou fazer fê, eles nunca vão ser dono, e eles nunca pode ser dono dessa terra. Nós deseja, nós procura a lei, a jus tiça pra dar nossa terra na mão, pri meiramente Deus, e os homens da lei na terra, meu desejo é isso e pronto.

— Agora, aqui, mais uma palavra do conselheiro Edísio...

Edísio - Eu tenho um pedido a fazer ao presidente da Funai, ao presiden te da República, ao ministro Máriõ Andreaza e todas as autoridade. Quan do descobriu o Brasil, qual foi o primeiro brasileiro que encontrou na floresta em cima desta terra? se não foi o índio, eu peço que faça justi ça! Tomo a paternidade de nossas ter ras, não só das terra do índio Pata xós como de todas as terras de todos os índios do Brasil.

- Quem vai falar é Zé Correa do PI. MATINERI-PARÁ - que é o cacique de lá.

Zé Correa - Eu tenho prazer de estar junto dos meus amigos e todo instante

tenho angústia de estar contando uma coisa desta... uma mensagem muito cruel que me deixou muito dolorido, que não foi preciso nem o cacique Saracura chegar a mim, eu mesmo me cheguei a ele e do meu amigo também, que é de lá, também cacique, vamo brigar jun to com eles, provar que nós somo unī do, nós não temos essa lei do branco que cada qual só quer pra si, todos nós sabemos que o branco tem olho maior que o bojo, ele nunca se confor ma com o que tem, então se uma peṣ soa pudesse dominar o Brasil inteiro, ninguém gostaria. Terra tem demais, porque se o governo fosse cortando de pedacinho em pedacinho para dar à população, tanto pró índio como para os cara que estão na favela, ainda so brava terra, mas parece que só exis te lei pra esses cara que têm dinhei ro. Mas nós temos lei sem precisar de dinheiro, sem precisar de documen to, porque nossa lei é os trono de nosso pai, de nossos neto, que morre ram e se criaram ali, então nós esta mo batalhando agora, todo mundo do Brasil inteiro fique ciente que os Pataxó não sō, mas todo os índio bra sileiro vão brigar nós estamo ao la do dele, se a justiça achar que eles não vão resolver, nós vamo resolver no peito. Em qualquer parte no Brasil que tiver com meus amigo eu vou le var essa mensagem, já disse pró Sarā cura que fizesse um documento pra mim distribuir lá no Acre então. Nós va mo soltar mensagem pra todo mundo, porque do jeito que aconteceu no sul, pode acontecer em vários lugares, lá tinha mata demais e lá onde nós esta mo tem mata demais também mas pode acontecer o mesmo e vamo brigar jun to, unido e amostrar a esses povo que que nós somo unido. Agora eu ouvi a quela conversa do presidente, eu ti ve acompanhando, o presidente chegou: "Ah! vocês são do Iacó" - tá certo eu fui falei pra ele:

- "exato, nós somo do Iaco, mas sen te a mesma dor".

Secr.Exec. - Qual a nação?

Zé Correa - A minha nação Jaminaua. Quer dizer não, não importa que seja Jami naua que ele seja, seja o que for, o que me importa que eu sinto a mesma dor. Porque é que eles estão fazendo? ele é índio, eu também sou, o que ele faz com ele, pode fazer comigo, então eu não vou defender Funai, se a jus tiça estiver pensando que vou defen der quem tá contra o meu amigo, tá muito, muito ao contrário, porque eu

nunca vou ser a favor dele, mas nunca na vida mesmo porque o presidente falou pra eles que realmente o Saracura (eu vi o homem, tava muito desesperado falando) fiquei angustioso, disse até pro Saracura na sala DGO, disse: "Saracura, quando você, quando ia saindo, quando vocês começar a meter o pau deixa uma brecha pra mim que também quero bater, e bato porque se for preciso, a gente bate, mas vou procurar a justiça, como diz o presidente. Diz que tá na mão da justiça, mas a gente tá sabendo, que o presidente tá sendo muito dominado pela turma da maçonaria, isso a gente realmente tá sabendo, prova tanto que ele tá, támo sentindo, pelo menos eu tô sentindo, que ele tá ficando um pouco fraco assim de tanto ser entregado por aqueles outros que tão lá por "baixo", que veio com uma conversa diferente: "Olha, Saracura, garanto que se você me dissesse 'eu quero uma fazenda pra mim ir embora, eu gostaria'. Então eu senti, eu não falei nada pra ele, mas pôxa, ele tem posse, ele tem dinheiro pra comprar uma fazenda lá fora, por que não pode ter dinheiro para indenizar esses caras que tão lá dentro da área? Será que é mais difícil então provar que ele foi ser comprado pelos outros? Foi comprado pelos fazendeiro. Então aí, a cada dia que se passa, a gente vai vendo que realmente os cara, a justiça, tá sendo comprada pelo dinheiro, então a justiça se existe para o pobre, pra rico, a gente tá vendo que não existe justiça; então eu fiquei assim. Mas olha gente, sair com uma proposta dessa? Achei bonito o que o Saracura disse: "Você pode encher esse prédio de dinheiro que eu não troco minha terra". Porque muitos branco pode viver na cidade, porque pode viver, porque briga entre si, mas se eles são burro que se aguenta, mas nós não podemos viver na cidade, porque nós vivemos a custo só da terra, a nossa enxada, o facão, é a nossa vida. Nós não temos esse costume de tá esperando dô pela padaria, chega lá a padaria tá fechada: "Ah! vamos esperar que a padaria abre pra nós tirar o nosso alimento pra comer". Negativo, desde manhã vai no roçado e pode pegar até meia noite se for possível, porque sabemos que ali é nosso, então nós temos esse costume, nós não se acostuma com a cidade. Então eu agradeço a todo mundo, seja os meus irmãos que estão aqui presente e fique sabendo toda população, nação do Brasil que a gente vai brigar jun-

to, eles não vão brigar só pelas terra dele. Eu tô ao lado deles e, meus amigos, eu vou soltar essa mensagem pelo Acre.

Severino - Olha pessoal quem vai falar agora Zé Severino, cacique tribo MATINERI, olha eu inclusive tô sentindo aqui uma coisa pelos índio Pataxó, fica na Bahia e mais ou menos a angústia deles. Impossível, a Funai deveria conseguir demarcar essas área pra eles, é o que eles estão pedindo 36.000 ha, a Funai devia ajudar pra eles, porque no Acre não tem esse problema muito, mas a gente tá brigando, continua brigando porque de repente acontece a mesma coisa que acontece com eles; porque em várias vezes, toda vez que nós viemo aqui em Brasília, nós támo aqui outra vez, a gente chega aqui os índio do lugar, do outro, distante mas é o mesmo parente, e parente da gente se cortarem o sangue é o mesmo, igual ao nosso. Então a gente tá aqui apoiando ao lado deles, inclusive hoje eles entregaram um documento aí ao Bispo, ele prometeu pra eles, ele ia falar com o presidente da Funai se ele não receber ele, ele ia mandar intermédio de carta, então essa é a promessa do Bispo e a Funai prometeu pra eles também no dia 15 de fevereiro ela entregaria a área demarcada pra eles. Mas não foi escrito 36.000 hectares, que eles pediram, ele disse que daria 1.200 ha. só, essa é a proposta do coronel Paulo Leal que ele fez com Pataxó, esse é, a gente tá sentindo, é dureza viu, é duro resolver esses problemas deles, mas a gente vai batalhando, eles estão pedindo também auxílio da gente, a gente tá dando um apoio pra eles não só pra eles, pra vários índios que tem no Brasil. Então é isso que eu tô explicando pra eles falar, tão angustioso, tão lutando, tão sofrendo, lá nas terras dele não tem água, as criança tão passando necessidade de água e eles também, fome, isso é que a Funai devia enxergar, não devia fazer isso, devia demarcar a área deles resolver problemas deles porque a Funai é órgão federal, isso acho que devia resolver, então órgão federal é um órgão que pode resolver, assim quero resolver isso que eu falo, tô explicando pra eles, só isso que eu vou falar.

# CONSELHO DA TRIBO PEDE JUSTIÇA

Foto: Correio Braziliense



Conselho Pataxó em Brasília

Audiência com o presidente da FUNAI  
Paulo Moreira Leal (04-01-83)

Coronel Leal - O caso foi entregue à justiça, então a partir deste momento eu não posso fazer mais nada, a não ser aguardar a decisão da justiça. Agora, não posso aceitar, não posso acatar violência, porque a violência não leva a coisa nenhuma. Nós estamos

a meio caminho, nós estamos no final deste caso que se arrasta há quase um ano.

Eu estive na Bahia com vocês naquele dia, fim de ano, conforme prometi, e fui; Mas a justiça - eu quero que vocês entendam o seguinte - a justiça dos brancos, não minha, ela quer que se mantenha como está, então, eu não posso autorizar nada a ser modificado; nem a bomba de água, eu não fui autorizado a tirar de Almada para

lá, enquanto a justiça não resolve. No dia 7 o Dr. Afonso vai levar toda a nossa defesa em favor de vocês, no dia 7. O juiz, Dr. Lázaro, aquele que esteve lá com vocês, foi o primeiro juiz que saiu do seu gabinete e vai para uma reserva indígena conversar com vocês, para ver o problema de vocês. Então, o governo, quer dizer, os fazendeiros apresentaram alguns documentos, então ele juntou esses documentos, entregou para a FUNAI, para que a FUNAI lesse e visse aonde é que está a verdade. A FUNAI preparou, agora, tudo e no dia 7 - é porque é o dia que ele está voltando - vai entregar para ele. Vou só pedir a vocês o seguinte: Esperem um pouquinho mais; eu sei que é ruim para vocês, eu garanto alimentação para vocês lá, eu tenho ordem, autorização do ministro para dar dinheiro para vocês comerem direito. Eu não minto para vocês, agora, a minha autoridade, como a sua, como a do presidente da República: Só vai até aonde a lei permite. - Eu garanto a vocês que vocês não vão passar fome, como vocês estavam passando no meio da estrada. Qualquer um que esteja doente, eu estarei lá socorrendo.

Já gastei mais de 35 milhões de cruzeiros, mandei comprar milho, ração e água para que não falte. O governo da Bahia está tomando conta das vacas de vocês - vocês tem o documento.

O que vocês estão pedindo ao presidente da FUNAI, vai além da minha autoridade - porque bastava uma palavra de vocês... Se vocês, suponhamos, porque a briga está ali - com aqueles fazendeiros - Eu sei que a terra para o índio, é muito mais que para mim, que quando compro um terreno aqui, aquilo é um bem que eu tenho, um valor, é o dinheiro que tem ali, e vocês não, vocês tem toda uma história e eu respeito, e o governo respeita isto, mas lembre-se que esta questão dos Pataxó se arrasta desde 1926.

E você decidiu tomar a fazenda, e você agora disse - não foi ninguém, eu peguei e botei para fora - Eu estou sendo responsabilizado que eu fiz aquilo tudo, eu mandei a polícia lá fazer aquilo, e você sabe que eu estou inocente. Agora, estou com vocês este tempo todo.

Quantas vezes já não fui lá conversar com vocês, explicar, eu não tenho interesse de estar iludindo vocês, e mentindo pra vocês. Eu sei que vocês tem toda razão - de estarem nervosos, trabalharam, estão cansados. Está aqui o Ursulino, tanto tempo que já espera. Mandei comprar a semente e a ferramenta, recebi ordem para não modificar a situação que estava, para a gente não perder a justiça - Senão vão dizer: "Tá vendo, eles não cumpriram a ordem do juiz, que foi: manter como está"; - "Mas juiz o pessoal tem que trabalhar"; - "Não, não pode fazer nada, para não modificar a ordem do juiz"; - eu digo: "Então eu preciso de dinheiro para dar comida para eles"; - "Você vai ter-o ministério do interior disse" - "você vai ter o dinheiro". Então já é uma grande coisa, você vai ter a família alimentada, espera mais um pouquinho. Eu nunca dei prazo, não posso fazer isto, a justiça tem seu tempo para estudar os documentos. Eu cheguei ontem aqui e não parei de trabalhar. O Naildo não para de telefonar atrás de vocês - "O Nelson está fazendo confusão" - Estão jogando um em cima do outro, e vocês não estão sentindo isso, o Naildo já me telefonou ontem, e hoje ele me telefonou de manhãzinha: - "Vê onde está o Nelson, que saiu daqui com uma turma, sem autorização, e foi-se embora pra fazer confusão por aí" - Um jogando em cima do outro, porque na hora em que vocês começarem a brigar entre vocês, vocês vão perder é isso que eles querem que aconteça. Então um chega lá, briga com o Nelson, e você sabe que eu sempre tenho apoiado você, respeito você como chefe. Apenas pedi a presença do homem que é a ligação - recebo vocês todos, converso com vocês, respeito - talvez poucos façam o que eu tenho feito para vocês. Seria muito fácil, para mim, abandonar esse caso, mas isso não leva a nada. Hoje mesmo eu tenho reunião sobre vocês, vou falar com o secretário geral, conversar da situação, vamos ver o que a justiça pode fazer, porque, eu estou mais apressado, com mais vontade de que isto seja resolvido, do que vocês, eu estou dizendo isto como um experiente. Eu gostaria de fazer ali, uma fazenda pra vocês, porque na hora

que a gente resolver isto na justiça, e o índio ganhar aquela questão, eu garanto a vocês que - vocês vão ter, ali, projetos. Este trator eu não posso levar para lá, eu mandei suspender a ordem, - quem mandou suspender fui eu, porque a justiça disse: - "Não pode modificar o estado" - Porque nós da justiça, a justiça dos brancos, você fica louco: Se você chegar no meio da rua, aqui, e roubar um paletô, e correr para dentro de uma casa, o paletô é meu, o ladrão tiçou, correu e entrou dentro de casa, eu não posso arrombar a porta dele sem autorização do Juiz." Isto que quero que vocês entendam, porque a violência não leva a nada. Eu já disse uma vez aqui: - quanto é que vale a vida de cada um de nós? Não tem preço. Por exemplo: matei a sua mãe; você nunca mais vai ter descanso na sua vida, você vai ficar rico, dono daquelas terras todinhas, mas sempre pensando, como você diz, eu gosto de você porque diz sempre: Eu gosto muito de minha mãezinha; e você sempre se refere a ela porque é bom filho. Quanto é que vale a vida de sua mãe? Se você vai, mata o cara, o cara mata a velhinha; quem é que vai devolver a velha pra você? Você pode chegar a ser dono daquelas terras todas e nunca mais você vai ter descanso. Então, o que eu peço a você, Nelson, um pouquinho mais de paciência. O presidente não engana, e eu não enganei vocês, porque na hora que precisar enganar, eu saio da FUNAI, eu não engano vocês, eu não engano ninguém, porque eu sei que vocês estão cansados. Outra coisa que eu peço a vocês, não falem da justiça, pelo amor de Deus, porque ele vai ficar magoado, porque ele é o primeiro juiz que foi a uma reserva indígena para ouvir o índio, considerou vocês; recebam como amigo, confiem nele, confiem na justiça.

NELSON SARACURA:- Ele falou que no dia 6 de fevereiro, que ele dava a decisão.

CORONEL:- Olha, é muito difícil ele ter dito isto.

NELSON SARACURA:- Ele falou comigo.



Foto: Correio Braziliense

## PROMESSAS DA FUNAI

CORONEL:- Olha, aqui, no dia 6 ele está voltando do recesso, este documento nós estamos levando no dia 7 pra ele. No jornal hoje, está dito que dia 7 ele vai receber o documento nosso, este documento ainda vai passar aqui, para que outro leia também. Pode ficar tranquilo, confie na justiça. Eu sei que você está com toda razão, quer desabafar, mas lembre-se que tem uma equipe trabalhando do lado de vocês, perdendo noites de sono, trabalhando pra vocês. Agora se o gado entra lá, não pode ficar.

NELSON:- Tá entrando gado, lá.

CORONEL:- Eu mando tirar.

NELSON:- Se entrar nós vai comer -  
ele.

CORONEL:- Gado não pode, não pode. ' Na fazenda aonde estão vocês, não- vai trabalhar que a polícia vai ' tirar. Tem gente trabalhando na fazenda São Lucas?

NELSON:- Tem gado

CORONEL:- O gado tem de sair, e ou - tra coisa, Nelson, que eu quero ' que vocês não mintam porque tudo- que vocês me dizem, eu digo para ' o ministro.

NELSON:- Pode dizer.

CORONEL:- Não, eu sei, e a gente tem que falar: "Olhai, presidente, - tá entrando gado lá"; o gado tem que sair, não pode, o de vocês ' não pode, o deles também não pode. Então, o seguinte, você diz para- a polícia federal: "Tem gado aí"; Tem que obrigar ele a tirar, e vou dizer para os fazendeiros: - "Não tente entrar"; Isto eu ga ' ranto a vocês.

NELSON:- O gado está entrando.

CORONEL:- Se o gado está entrando, - tem que ser posto para fora.

NELSON:- entra o gado e entra o va- queiro.

CORONEL:- Mete o cacete, não pode fi- car aí dentro, tem que tirar o ga- do aí de dentro, não pode ficar - aí dentro.

NELSON:- Tem que mandar os fazendei- ros fazer uma cerca. Pois queimou

CORONEL:- Me disseram que ele mandou fazer a cerca.

NELSON:- Fez não.

CORONEL:- Tá bem, vamos ver isto, - vou mandar verificar isto.

NELSON:- Eu fui lá esta semana, fui lá soltar o gado, e eu reparei, - parece que tinha 50, mas do avião contou, e parece que tinha 100 e eu fui reparar não tinha nada de- cerca lá feita.

DR. AFONSO:- Nelson, antes de dizer ' umas palavrinhas para vocês, vou- -lhe fazer duas perguntas: Primei- ro, desde quando vocês foram ex- pulsos dali? Você se lembra quan- do os índios foram expulsos daque- la área?

NELSON:- 1947

DR. AFONSO:- E a segunda pergunta ' que eu vou fazer a vocês: Vocês- acham que o presidente da FUNAI - tem sido correto com vocês, tem ' sido bom com vocês, tem ajudado - vocês? Vocês acham isso? ou acham que ele não está ajudando?

DR. AFONSO:- Agora é que eu quero - explicar para vocês, isto, vocês ' vão me desculpar, vocês falaram, - aí, com muita franqueza, então, - vocês vão permitir que eu fale a vocês com muita franqueza. Nós - estamos aqui, numa conversa fran- ca, tutores e tutelados, conversa em casa, então, eu quero dizer a vocês o seguinte: Como vocês aca- baram de dizer, vocês, a família- de vocês, os antepassados de vo- cês foram expulsos dali em 1947, - já lá se vão 35 anos, ora, um pro- blema que não foi resolvido em 35 anos, como é que vocês querem que este homem resolva em menos de um ano? Não é possível isto. Olha em abril do ano passado, eu parti- cipei da reunião de vocês com o presidente da FUNAI, que foi a - primeira reunião que vocês tive- ram com ele, e que ele estava há 6 meses apenas na FUNAI, vocês vi- eram aqui para dizer a ele que es- tavam dispostos a retomar a área- no dia 19 de abril, dia do índio, vocês irem morrer na terra de vo- cês não vinham aqui pedir nada a ele, mas apenas comunicar que ti- nham se reunido, e que tinham de- cidido voltar para a área a qual- quer custo com o custo da própria vida. Pois bem, o presidente da- FUNAI, para evitar que vocês fos-

sem destroçados, que vocês fossem arrasados e mortos pelos fazendeiros, vocês desarmados, ele deu a cobertura para vocês, naquele momento, desde a primeira hora da luta de vocês, então deu cobertura, vocês foram para a área, retomaram a área, com a cobertura da FUNAI, e isto, como o presidente acabou de falar, esta cobertura - que a FUNAI deu a vocês, que ele assumiu o risco, como presidente da FUNAI, de dar a vocês, ele tem pago muito caro, ele tem pago um preço muito alto, porque o que dizem no governo da Bahia na justiça e acusam o presidente da FUNAI. Um advogado chegou a dizer numa audiência na justiça federal, que aquela retomada foi como se, no meio dos brancos, se chegasse e se assaltasse um banco, quer dizer, chamou o presidente da FUNAI de assaltante, porque deu cobertura a vocês naquele momento.

NELSON: - Mas, não foi o presidente da FUNAI que foi lá.

DR. AFONSO: - Não, não foi, mas vocês não foram com um delegado da FUNAI? Vocês não foram com cobertura da FUNAI, com polícia federal para lá? Quem conseguiu esta cobertura? Foi o presidente da FUNAI, vocês não foram sozinhos. Então, eu quero mostrar para vocês, é isto, é que desde a primeira hora da luta de vocês, desde abril de 82, que o presidente da FUNAI se colocou do lado de vocês, e eu sou testemunha, posso atestar isto sem nenhuma intenção de agradar o presidente da FUNAI, porque eu trabalho com ele. Eu posso dizer a vocês, que, esta questão dos Pataxós, toma a metade do tempo dele, de abril pra cá, 50% do tempo dele, de abril até aqui, tem sido Pataxó. Vocês desde abril que estão lá com alimentação dada pela FUNAI, que vocês estão lá com assistência médica, que nada faltou pra vocês, agora vocês precisam entender aquilo que o presidente da FUNAI disse, ele tem limites, ele não é todo poderoso, você, como cacique da sua aldeia, você tem seus poderes limitados, nem tudo você pode fazer sem antes consultar a comunidade, sem antes obedecer àquelas tradições de vocês, àqueles costumes de vocês. O presidente da FUNAI

tem que cumprir a lei, então ele tem limites, ele não é um homem todo poderoso, porque, se ele fosse, ele tinha resolvido o problema de vocês na primeira hora, em abril, com um toque de mágica, com uma varinha mágica, ele tinha resolvido, e aquela terra toda tinha sido de vocês. Então, desde abril que esta luta se iniciou. Eu não conto, com o advogado da FUNAI, como procurador da FUNAI, portanto, como advogado de vocês, eu não conto as viagens que eu já fiz a Salvador, muitas delas levando outro advogado comigo. Já fui mais de dez vezes a Salvador tratar da questão dos Pataxó, sempre que eu falo ao presidente da FUNAI: "Presidente, eu preciso ir a Salvador" Ele diz: "Num quero saber, eu não regateio dinheiro para esta questão", e chegou a me dizer algumas vezes: "É uma questão minha, pessoal, é uma questão de honra esta questão dos Pataxó, eu não meço esforço e nem quero saber, você acha necessário ir, vá e faça o que você acha que deve fazer, contanto que defenda os índios, que retoma a terra dos índios". Então, Nelson e vocês todos aqui, vocês que há trinta e cinco anos vem nesta luta, vocês precisam dar tempo ao coronel Leal, porque no momento em que vocês ameaçam com violência, no momento em que vocês ameaçam com desrespeito à lei, vocês estão sendo injustos com este homem, vocês podem levar este homem à queda, o presidente da FUNAI pode cair amanhã ou depois, por causa da questão dos Pataxó. E vai resolver o problema de vocês? Vocês não sabem quem poderá vir no lugar dele. Se o presidente que vai substituí-lo aqui, se vai ser com premissivo com vocês, como ele tem sido até hoje, porque no momento em que vocês desacatarem a lei, no momento em que vocês desrespeitarem a lei, vocês só terão a perder, porque, como ele disse muito bem aqui, a violência não resolve, morrendo vocês, ou 90% de vocês, ou 2, que seja, ou 1, que seja, vai resolver o problema da terra? Não vai resolver, então vocês têm que aguardar, vocês têm que ter serenidade, porque tudo aquilo que vocês fizeram contra a lei, vocês vão prejudicar as questões - já são duas - . Nós entramos, em julho, com ação para anu-

lar aqueles títulos, que a Bahia' botou lá dentro, esta questão está rolando. Nós entramos agora, ' no dia 17 de novembro, entramos ' com uma ação para garantir a perma nência dos índios lá.

O juiz, você diz que o Juiz lhe ' enganou, o juiz não lhe enganou, ' eu vou lhe dizer porque: ele disse lá, no dia em que esteve lá, no dia 10, ele disse: "No dia 17 eu resolvo a situação de vocês". Ele ' resolveu e resolveu favorável, por que se ele não tivesse dado um ' despacho, dizendo que assegurava ' a presença de vocês lá, vocês ti nham que ser retirados de lá à ' força, então, ele não julgou a ' questão, mas como ele não teve ' tempo de julgar, porque a lei, ' Nelson, ela é complicada, ela tem prazo, ela tem que ouvir todo mun do, ela tem que ouvir o advogado ' do acusado, então, ele não pôde ' julgar naquele dia, mas ele tomou uma medida favorável a vocês, que foi dizer no dia 17 ele cumpriu, ' ele escreveu num papel, dizendo ' que assegurava a presença dos ín dios na fazenda São Lucas, até ' que ele julgasse, e passou um tel ex para a polícia federal, dizen do isto: "Que os índios deveriam ' ser mantidos na área, deveriam ' permanecer na área, garantidos pe la polícia federal". Então, ele ' não enganou vocês. No dia 7 ele ' não vai julgar também, não vai ' julgar pelo seguinte: No dia 17 ele deu esta decisão, e me deu o processo, o processo está comigo, o processo de vocês está aqui em Brasília comigo, um processo des ta altura já, então ele me deu a ficha do processo, porque o esta do da Bahia se pronunciou, o advo gado dos fazendeiros se pronunçio u, contra vocês naturalmente, e ele deu vista desse processo, pa ra que os advogados da FUNAI, pa ra que a FUNAI fizesse mais uma vez, a defesa de vocês. Então, ' no dia 7, a justiça, desde o dia ' 17 de dezembro até o dia 7, de acordo com a lei que existe, a ' justiça está paralizada, só vai ' voltar no dia 7 de janeiro. Então no dia 7 de janeiro, já estou com passagem no bolso, com a passagem na mão, no dia 7 de janeiro eu - vou a Salvador, que é uma sexta ' feira, vou sair daqui às 10:00hs. 1:30 hs. da tarde, eu estarei na ' justiça entregando ao juiz o pro cesso, com a defesa de vocês. Ele

não vai ter tempo de julgar, por- que ele vai ter que ouvir o prócu rador da República, e a Opinião ' da União, do Governo Federal. En' tão, naquele dia 7, ele vai despa char para o procurador da Repúblī ca, para falar, já que a FUNAI fa lou. Quer dizer, são exigências ' da lei que ele, como juiz, ele - também não pode fugir, porque to ' dos nós temos os nossos limites.- Os direitos de um termina onde co meça o do outro. Então naquele di a ele vai receber o processo, vai despachar para o procurador da Re pública. No dia 10, segunda fei ra, ele tem direito a férias uma ' vez por ano. Ele vai entrar de - férias. Então só em fevereiro é que ele vai voltar, aí todo mundo que tinha que falar no processo, ' já falou, aí é que ele vai estu - dar examinar para dar o julgamen to dele. Então, todo e qualquer ' ato que vocês praticarem de hosti lidade, de agressão, de desrespei to à lei, só vai dificultar a vi da de vocês, só vai prejudicar o ' trabalho dos advogados.

Nelson, você diz por exemplo, que o presidente da FUNAI prometeu a vocês, que vocês iam trabalhar e ' cultivar, eu sou testemunha disto, porque ele me telefonou de Ilhéus eu recebi, como advogado, eu rece bi o Francisco ' que ele tem projeto, até construção de es cola tinha, e fui eu que disse a ele: "Chico, não pode construir - escola enquanto não decidir a ' questão, a lei proíbe"; Mas o - presidente da FUNAI já queria pa ra satisfazer vocês, atender, co mo ia autorizar dar ferramentas. Então telefonei para a polícia fede ral, e a polícia federal respon deu que negava a autorização para o presidente da FUNAI autorizar - os índios a cultivar, porque esta ria desrespeitando um despacho do juiz, porque quando o juiz disse: "Os índios devem permanecer lá, - até que eu julgue, a polícia fede ral deve garantir os índios até ' que eu julgue", ele disse: "Mas - tudo tem que continuar como está, não pode se modificar nada, abso lutamente, nada". E um despacho- desses, do juiz, uma decisão des sas, do juiz tem que ser cumprida a qualquer custo, de acordo com a lei. Então, isto é que eu quero- pedir a vocês, que vocês tenham ' mais paciência.



PATAXÓ :- Cabei de crê que o dinhe  
iro faz tudo, porque uns homem da  
quele, que já matou, é invasor de  
terras...

DR. AFONSO :- Olha Edísio, na lei  
nossa, o pior criminoso, aquele  
que comete o crime mais bárbaro,  
que mata qualquer pessoa, ele  
tem direito a advogado, ele não  
pode, inclusive, ser julgado se o  
advogado não estiver presente. Se  
ele não tiver um advogado, o go  
verno paga um advogado prá ele.  
Então, o réu mais sanguinário e  
mais frio, na lei, ele tem direi  
to a defesa, então, daí porque os  
fazendeiros, mesmo como invasores  
como esbulhadores das terras de  
você, como criminosos pelos cri  
mes que praticaram contra você,  
daí porque eles também tem direi  
to a advogado - e o juiz tem que  
apreciar tudo isso - Como eu dis  
se a você, todos nós temos os  
nossos limites, até o presidente  
da República tem limites, o presi  
dente da República não pode fazer  
tudo o que quer, tem um documento  
zinho que se chama constituição,  
que ele tem que cumprir aquele li  
vrinho, porque no dia em que ele  
não cumprir aquele livrinho, po  
dem tirar ele de lá. Então, para  
você verem: até o presidente da  
República que é a maior autorida  
de do país inteiro, ele tem os se  
us limites, ele só pode chegar  
até um certo ponto, ele tem que  
dar contas a uma série de pessoas  
a um senado, a um deputado, em  
fim, todos nós temos os nossos li  
mites. Então o que eu quero pe  
dir a você principalmente como a  
dvogado de você, que eu sou, que  
está defendendo esta causa, que  
está sentindo as dificuldades.  
Por causa desse conjunto de coi  
sas, então, eu que estou sentindo  
as dificuldades, peço a você,  
que você tenham paciência, que  
você correspondam agora, um pou  
co, retribuam um pouco do que es  
te homem tem feito por você, e  
você podem responder tendo paci  
ência aguardando a decisão da jus  
tiça.

Além dessas questões, que nós já  
entrámos na justiça, temos duas  
ações, tudo que se pode fazer,  
prá fazer um acordo, nós estamos  
tentando fazer um acordo, porque  
uma coisa acho que você já enten  
deram: depois de 50, 60 anos, se

rá de todo impossível retomar os  
36.000 hectares. Então nós vamos  
ter, Nelson, que sentar numa mesa  
para negociar e para fazer um acor  
do, já existe uma proposta, inclu  
sive, de acordo, que muitos de vo  
cês aqui presentes, talvez tenham  
até assinado. Nós temos que partir  
para este acordo, porque os 36000  
hectares, o total da área, eu que  
ro dizer a você com toda a minha  
honestidade, (porque eu não engano  
ninguém), eu quero dizer a você  
como advogado honestamente, reto  
mar os 36.000 hectares é totalmen  
te impossível, nós vamos ter que  
sentar numa mesa, com a concordân  
cia de você, para negociar, para  
fazer um acordo para conseguir uma  
área de terra que seja, realmente  
necessária e suficiente para você  
trabalharem dignamente com as suas  
famílias, 6.500 hectares é a pro  
posta que existe.

Pelas conversas que eu tenho tido  
com você, Nelson, eu já sei que vo  
cê é um rapaz inteligente, você en  
tende bem as coisas, então eu vou  
fazer uma pergunta prá você, muito  
simples: O que você prefere,  
36.000 hectares em 10 anos ou 6500  
hectares em seis meses ou um ano?  
Não porque a justiça não vai deci  
dir isto, o total dos 36.000 não  
espere porque a decisão não será  
logo, ela vai tardar muito, nós  
estamos fazendo um esforço tremen  
do desde julho, para garantir aque  
le pedacinho da Fazenda São Lucas.  
Então, Nelson, sobre os 36.000 he.  
é bom que você já vão sabendo dis  
so e vão se conscientizando disto,  
porque os 36000 hectares, a deci  
são vai tardar, nós vamos ter que  
sentar numa mesa, com a concordân  
cia de você, para negociar para  
partir para um acordo, para resol  
ver o problema de você em defini  
tivo, para acabar com esta tensão,  
para acabar com estes choques en  
tre você, entre nós e os fazendei  
ros, para dar tranquilidade a vo  
cês para você trabalharem.  
Então é isso, então a nossa luta  
maior no momento, é em torno da Fa  
zenda São Lucas.

NELSON :- Só isso?

DR. AFONSO :- No momento é garantir  
a fazenda São Lucas, que não ti  
rem você de lá, como estão que  
rendo. Então esta é a nossa gran  
de luta no momento.

Agora, a ação que nós entramos em julho é dos 36000 hectares, agora é o que estou dizendo a vocês - a FUNAI está lutando pelos 36.000 hectares - agora, a decisão é - que demora tempo, porque, só para vocês verem: são 300, Nelson, - réus, são 300 fazendeiros que ex'ploram vocês, a nossa ação é contra 300.

NELSON:- Mas doutor, quando aquela área foi demarcada, e o presidente da República mandou fazer aquela reserva, ele entregou estes 36.000 hectares para o índio, não foi para o branco, e porque o branco invadiu esses 36.000 hectares?

DR. AFONSO:- Essa pergunta eu não posso lhe responder, como ele não pode lhe responder, porque não foi do nosso tempo. Vocês foram vítimas, e nós, o presidente e eu, todos nós que trabalhamos na FUNAI, estamos sendo vítimas, e vocês mais do que qualquer um outro, porque sofreram na carne, de erros cometidos no passado, de erros que vem sendo cometidos desde o SPI, que erradamente arrendou aquelas terras. Então nós herdamos, todos nós, vocês, o presidente da FUNAI, eu e todos nós, herdamos erros que vem do passado. - A prisão do Samado foi um erro, um crime da própria FUNAI, do tutor que tinha o direito, que tinha a obrigação de proteger. Pois foi o órgão tutor que mandou prender o Samado. Então, são erros que nós herdamos. Eu não posso responder a sua pergunta por isso. Era isso que eu queria dizer para vocês e pedir para vocês: Não - pensem em violência.

PATAXÓ:- Pelos nossos pé, nós não vamos sair de lá. Só Deus. A proposta que o delegado da FUNAI fez, foi de mais ou menos 12.000 hectares e o ponto que nós escolheu - fica certo pelo córrego e pela rodagem, passando pelo rio aonde eu nasci, perto das bananeiras. Ele mudou o esquema, já estava 6.000 hectares quando nós fomos assinar.

CORONEL:- Porque vocês fizeram a escolha desses pontos?

NELSON:- Por causa da divisa, para ninguém abusar.

CORONEL:- Dizem para nós, que dentro desses 36.000 hectares, a área a melhor que tem, tem mais cacau, que é melhor de tudo, é essa aí.

NELSON:- Tem uma parte de capim e outra parte de cacau.

CORONEL:- Agora vocês escolheram isso aí, porque? Porque o Grossi é que disse?

URSULINO:- Senhor presidente, o Carlos fez uma reunião lá chamou nós e disse para eu escolher uma parte, aí nós interessa a parte da terra das Bananeiras, que vai de linha reta.

CORONEL:- Então é o seguinte: Me ofereceram já, terras prá vocês, dentro dos 36.000 hectares.

PATAXÓ:- Essa área que eles ofereceram, coronel, eles fazendeiros, escolheram aquele lugar seco, e não podem fazer isso com nós. A semana passada eu vi um fazendeiro falando: "Só eu, de meu bolso já saiu uns 30 milhões, agora os índios vão ficar no lugar mais seco. Já entramos em negociação com o governo da Bahia e o presidente da FUNAI e eles vão ficar com o trecho mais seco." Então esse projeto que o Carlos Grossi levou já, nós marcamos a área que pega ali de Pau Brasil, onde estamos, direto a Jacaricí, até Palmira, onde pega a área rica...  
...Vai do Toucinho, cortando por Água Preta, Água Vermelha, Serra da Bananeira e volta...

PRESIDENTE:- Mas vocês não sabem quantos hectares tem aí?

PATAXÓ:- Ele (o Grossi), falou que que era 12.000 hectares.

PRESIDENTE:- Nós estamos trabalhando na justiça prá negociar uma acordo bom prá vocês. Qualquer coisa que for se modificar lá, nós avisamos vocês. Nada vai ser mudado lá, sem conversar com vocês. Então, foi isto, nós vamos traba'

lhar para esta área, porque uma área de, digamos de 6.000 hectares, dá para vocês botarem 1000 famílias aí dentro, trabalhando, vocês não vão encher isso nunca. O INCRA dá agora em torno de 10/20 hectares, dá é chão. Um hectare só dá dez mil metros, 6.500 dá prá vocês ficarem ricos.

PATAXÓ:- Coronel, decidido esta metade da terra, a outra parte vai para o Estado? Ou ele vai pagar um arrendamento?

CORONEL:- Vocês concordam em ficar com isto aí, para acabar com esta briga. O resto da terra vai para o Estado, vai para a União. Mas vocês passam a ter o documento de

finitivo, aí acaba esse negócio de você ficar preocupado que alguém vai entrar e botar você para fora.

PATAXÓ:- Os invasores não respeitam a justiça e falam que se a FUNAI for lá, eles metem bala, esses homens querem é guerra. Por que o exército não vai lá e acaba com isto?

CORONEL:- Confiam na justiça. Vocês não confiam no presidente da FUNAI? Vou almoçar, vocês vão em bora quando?

PATAXÓ:- Nós estamos aqui para resolver isso.

BRASÍLIA - 05/01/83 - SEDE DA FUNAI

Continuação da Audiência Pataxó/FUNAI. De onde se vê que o presidente da FUNAI, acompanhado de assessores e de muitos argumentos (horas e mais horas de papo) não conseguiu convencer os índios a entregar suas terras aos fazendeiros da Bahia.

Presidente da FUNAI - CORONEL LEAL:- O que significa "executar"?

NELSON SARACURA:- Executar é ...

CORONEL:- Executar é matar.

SARACURA:- Eu não sabia disso... prá mim executar é corrigir; pegar o filho e bater.

CORONEL:- Não é isso. Executar é matar.

SARACURA:- Eu não quero matar ninguém ...

CORONEL:- Executar na nossa língua é matar. Ontem eu vi vocês usando essa palavra e sabia, mas depois sai no jornal que vocês querem matar os brancos. Depois que vocês saíram eu recebi a imprensa aqui. Falamos sobre o que tinha sido conversado, porque a imprensa vive disso... qualquer coisa que vocês falam sai no jornal e sem vocês saberem estão prejudicando sua causa. Agora mesmo estava conversando com um Xavante aí, o Aniceto. É

um chefe, é um cacique. Ele já conversou com vocês. Então ele acha a situação de vocês difícil, que é preciso mais calma, mais atenção prá não perderem. Chamei ele para participar dessa reunião e ele disse: "Não, eu não vou, porque não quero ficar envolvido assim". Por isso é que digo: Nessa hora os chefes tem que ficar com a cabeça fria.

Doutor Afonso vai viajar dia 7 para Salvador, vai entregar todos os documentos prá vocês. Eu não tenho muita esperança que vamos ganhar esta questão ... Mas vocês podem prejudicar essa questão e eu sou obrigado a segurar vocês. Eu só quero entrar na briga prá ganhar, não quero entrar prá perder.

Porque os jornais começaram "Pataxó vai fazer isso" - "Pataxó..." sai isso no jornal e começam vocês a comprar a má vontade da opinião pública, do não índio de todo o Brasil.

A primeira vez eu falei com vocês aqui, trouxe uns Xavantes que ouviram. Eles me atenderam e nós ganhamos a questão. Ganhamos a terra de todos. E vocês talvez por ouvir alguém falar que estão

esperando demais, são pessoas que querem que vocês percam a questão. Eu, a FUNAI - quer que vocês ganhem a questão. É uma questão minha.

PATAXÓ URSULINO:- Essa briga que o senhor está levando, brigando, é pela terra toda prá nós ou é uma parte só?

CORONEL:- Uma parte. Só posso brigar por uma parte, aqueles pontos que vocês marcaram. Agora, vamos entrar na justiça prá área toda, mas vai ser difícil a gente ganhar...

URSULINO:- Isso é que eu quero.

CORONEL:- Você pode querer até o Brasil inteiro ...

URSULINO:- Eu só quero o que é meu.

CORONEL:- (Perdendo a paciência) Agora é o seguinte, prestem bem atenção: Tô brigando por uma área, prestem bem atenção nisso, eu já me desgastei demais. Se vocês não querem eu não posso. Vou prá justiça, trabalhando com vocês, com toda essa estrutura aí à disposição. Trabalhando prá vocês. Isso eu digo prá vocês, por que digo prá todos aqui... Agora mesmo vieram me pedir prá comprar um Toyota (carro) eu não posso comprar. Compreem vocês. Só posso fazer o que posso fazer. Se você chegar aqui e disser: agora eu quero um avião, eu não posso dar...

URSULINO:- Nós não queremos avião, não queremos carro ...

CORONEL:- Eu sei Ursulino. É daqueles 36.000 hectares que estão falando.

URSULINO:- Queremos o que é nosso.

CORONEL:- Os netos dos netos dos netos de vocês, vão continuar brigando por aquilo. Porque é um erro que se arrasta desde 1926. Nós vamos brigar na justiça, mas eu acho difícil mesmo, e vocês nunca vão ter paz. Nunca... nunca... nunca...

Mas vocês homens livres, fazem o que querem, dentro da lei: Prestem atenção: Temos um índio preso agora, lá em São Paulo. Devido a algumas questões ele matou um cidadão, escondeu até o corpo, foi condenado a 17 anos. Procurei defender o índio e tal ... levei 17 anos de prisão. É preciso ler o que está escrito na lei: "O índio é parcialmente responsável perante a lei, mas o índio pode ser preso". Não quero que vocês cheguem a esse ponto...

ASSESSOR DA FUNAI:- Eu tenho um livro aqui que explica isso...

CORONEL:- Não sabe ler pede prá um funcionário ler devagar, tem todos os direitos e obrigações. Prá ver que a gente também é responsável (passa um exemplar do Estatuto do Índio a um dos Pataxó, com a seguinte exortação: "O índio é como se fosse um soldado, porque o soldado de 18 anos é como você: é parcialmente responsável").

O homem no Brasil só é totalmente responsável quando ele tem maioridade, 21 anos. O índio não. Continua sendo ainda de menor, até o dia em que decide não ser mais tutelado. Mas eu alerto vocês: Qualquer violência de vocês, a justiça vai em cima de vocês e agora com a raiva que ela está, eles vão destruir vocês". Esse é o conselho que dou (em tom de ameaça).

Na segunda quinzena de fevereiro esse juiz volta de férias, tenho quase certeza que ele vai analisar e dar a solução prá esse pedido que nós fizemos, para aquela área da fazenda São Lucas. Se ele disser: "Está decidido, o índio vai ficar, fica". Enquanto isso nós estamos trabalhando prá outra área, vamos ver se a gente negocia aquela área que vocês querem, que dizem que é o melhor pedaço que tem.

Aí vamos botar as placas ali, de vocês. Depende só de vocês. Porque uma terra daquela, sujeito sabendo trabalhar, vocês vão ter mais de 100 anos ali, ricos! Tem muito fazendeiro rico naquelas terras. Muito mais do que vocês pediram, é uma oportunidade, eu tô falando isso como amigo. Amigo!!!

Porque tem muita gente que diz - que é amigo, mas querem é ver vocês acabar. Eu tenho um exemplo: Agora mesmo um cacique me disse: "O CIMI me chamou, vamos fazer assim, assim". E o cacique falou: "Eu quero acabar com o CIMI. O CIMI nunca me ajudou". Um cacique me disse isso agora.

Eu desafio um índio que tenha recebido dinheiro, um auxílio do CIMI. Agora, da FUNAI: filho doente tá no hospital. Comida nós temos dado. Caminhão vem de Recife prá dar água prá vocês.

Eu nunca mais tive um sábado e domingo. Consegui um carro prá trazer água prá vocês, sete mil litros, agora quero ver o CIMI fazer isso. O CIMI está trabalhando com gente de fora, dando dinheiro prá aqueles rapazes barbudos que se dizem padres, prá acabar com vocês, e vocês não estão vendo.

Estou falando como amigo, desde que sentamos aqui nesta mesa eu estou do lado de vocês, tô mesmo. Agora nós, não índios, temos algumas dificuldades que temos que vencer; por exemplo: Eu pego essa borduna aqui - pegando uma borduna Pataxó - roubo de você e corro prá minha casa. você não pode entrar na minha casa. Você vai na justiça, e a justiça dá a ordem, você arromba a casa e pega a borduna é isso que eu estou dizendo - se vocês têm razão - senão tivesse não estaria na justiça. Mas quando existe alguma dúvida dos dois lados - eu digo que é, outro diz que não - a justiça vai decidir ...

É um mês e pouco. Fica ali passeando, varrendo, discando aquele negócio. Tratando, vendo os problemas. Não deixar estranho entrar na área.

Vou chamar um rapaz que diz que é muito bom, prá trabalhar com vocês, Até que vocês escolham quem vai ficar lá. O Claudio tá chegando de São Paulo - ele passou dois a três dias lá com vocês - sem descansar. Vamos conversar, vamos acertar, Nelson. Você está com meio caminho andado. E você pode perder essa questão.

URSULINO:- Nós queremos o Cláudio. Escolhemos o Cláudio...

CORONEL:- Nós tivemos muita despesa

Mais de 30 milhões de cruzeiros. Cada notinha daquelas o Cláudio tem de prestar conta. Alugou um taxi, levou pro hospital, tem que prestar conta de tudo, ter a nota, senão ele vai prá cadeia. Tudo demora. Ele falou comigo: "Presidente eu tenho direito de prestar minhas contas".

E eu mandei dois homens prá lá verificar as notas. A polícia federal gastou com carro que bateu, vocês sabem disso, mas não tem nota daquilo. A gasolina prá lá e prá cá, todo o dia, prá atender vocês. Agora vocês fiquem calmos.

- o coronel (ensinando): Chega na imprensa e diga: "Olha, tivemos uma reunião com o presidente, muito séria. Nós vamos acreditar no ministro Andreazza (os índios não tiveram nenhuma reunião com Andreazza). Vamos acreditar na justiça". Aí vocês vão ver que a justiça, a opinião pública, começam a simpatizar com vocês, ajudar vocês.

Olha o Aniceto - o Aniceto só vai prá televisão, prá Rádio, pro jornal - prá falar bem. E com isso, hoje um fazendeiro disse: "Olha tão lhe elogiando porque você está crescendo, todo mundo está acreditando em você no Brasil".

Então agora, Nelson, você que está representando essa tribo, os Pataxó - vai lá na imprensa e diga: "Vou voltar prá minha aldeia, vou confiar na justiça".

Eu te garanto, você crescia.

Esperem mais um mês e pouco. Já esperaram trinta anos - um mês e pouco. Estamos em janeiro/fevereiro. Vocês estão lá aonde vocês queriam estar. O juiz já deu, agora vai decidir a posse definitiva ou não. Ontem eu expliquei isso - prá imprensa. Mas é vocês mesmos que estão fazendo isso.

Eu sei que vocês estão cansados, preocupados. Mas pelo menos estão com o apoio da FUNAI, porque se a FUNAI sair dali... não sei o que acontece, morre índio...

NELSON:- Um morrer?

URSULINO:- Nós não queremos ...

NELSON:- Só existe um que é Deus, que tira nós dali. Isso eu digo e não é só eu, todo mundo. Existe um só que é Deus - prá tirar nós dali. Mas homem nenhum tira

nós dali. Só se for depois de esfarelado que pode tirar. Não existe justiça prá isso, prá tirar nós dali. Nem polícia federal, nem o Exército. Só tira esfarelado!

CORONEL:- Índio é assim: "Pode matar, mas tirar não".

NELSON:- Eu já saí uma vez. Não por que queria sair, não. Foi por obediência. Se eu ficasse lá ia ser um perigo, arriscando a minha vida e a de todo o pessoal. Então, agora o senhor nem pense... Nem o senhor nem o ministro, nem o presidente da República, nem justiça federal. Nem ninguém. Porque Deus deixou prá gente, tá em cima dele. Não pense nisso! Isso não tem mais pedido.

URSULINO:- Em vida não!

NELSON:- Só se for morto, queimado. Se me matarem - já falei pro meu pessoal - não me tira dali, bota fogo e deixa a cinza lá. Deixa que ela serve de adubo pros brancos, fazendeiros invasores, os bandidos. Sirvo até de adubo prá terra, mas quero ficar com essa palavra: "Não, não saio mais!"

CORONEL:- Vamos fazer o seguinte, Nelson, eu respeito o que você está falando. Você sabe que eu respeito. Vamos fazer um acordo entre nós. A situação está ficando tensa, vocês estão ficando cansados, voltem prá sua Aldeia confiando em mim. Tô dizendo isso, melhor mensagem não há. Agora mesmo eu passei um telex. Na 2ª quinzena de fevereiro, o juiz volta de férias, pelo dia 9/10 ... Eu tô falando, eu não falto com a palavra. Fiquei brabo porque li no jornal que você falou que eu faltei com a palavra. Eu nunca disse que no dia 20 de dezembro ia ser resolvido esse caso. Eu não posso, eu digo a vocês. Dou minha proteção a vocês. Estou do lado de vocês. Eu não deixo...

URSULINO:- Foi combinado lá na área que depois das eleições a gente voltava de Almada...

CORONEL:- Não, quem deu essa data - de 20 de dezembro foi Nelson, preste bem atenção, tá gravado. Na 2ª quinzena de fevereiro o juiz vai dar a entrada com o processo de vocês, e o juiz vai dar a resposta.

URSULINO:- Essa área tá toda na justiça.

ASSESSOR DA FUNAI:- (Advogado): Tem dois processos correndo na justiça, um ao lado do outro. Esse que vai ser julgado agora em fevereiro é de permanência de vocês na fazenda São Lucas.

CORONEL:- É desses 1200 hectares - fica aí esse é de imediato.

ADVOGADO:- É um instrumento imediato, violento, vai ser julgado agora.

CORONEL:- A área grandona vai prá Brasília, volta prá Brasília - estamos trabalhando. O juiz disse isso: "Pode ficar nessa área". - Dentro dos 1200 hectares, vocês - podem fazer o que quiserem, plantar, colher, enquanto isso, vamos trabalhar prá conseguir essa terra que vocês dizem...

URSULINO:- Nós não...

CORONEL:- Feito esse acordo, eu acho que é a melhor coisa prá vocês.

URSULINO:- O senhor acha, mas se o juiz disser assim: "não fique".

CORONEL:- Não pense nisso.

NELSON:- Em tudo a gente tem que pensar, e conversar com o senhor.

CORONEL:- Não vamos pensar em coisa ruim, não vamos ser pessimistas. Você já disse que não sai de jeito nenhum, se você diz isso, eu não tenho força para tirar vocês. Não vai ser a FUNAI que vai tirar vocês. Se o índio disser: "presidente, não tem força que tira nós". - Eu posso ir lá e dizer: Nelson é isso - e explicar para

você. Se você disser: "Não saio". Não é a FUNAI que vai tirar vocês de lá.

ADVOGADO:- E nem a FUNAI vai dar cobertura ...

PATAXÓ:- E se o juiz falar: " Não pode ficar" ?

CDRONEL:- Eu converso, explico prá' vocês a decisão. Digo: Nelson, - tenho essa terra prá botar vocês, assim, assim. Aí, vocês dizem: - "Presidente aqui morre o último". - como vocês dizem agora, então eu acho que não tenho mais nada - prá dizer. Aí eu escrevo pro juiz: "senhor juiz, não tenho mais meios de convencer os índios a sair". A lei é que vai dizer: "arranque, mate tudo, ou deixa lá".

PATAXÓ:- É o que vai acontecer?

CORONEL:- Mas a FUNAI continua, eu continuo, dando cobertura prá vocês. Esqueça isso, Nelson, se você disser: presidente, prá acabar com essa briga, compre uma fazenda assim, assim. Um exemplo: pode custar 300 milhões de cruzeiros - que eu arrumava o dinheiro. Você veja a boa vontade que tenho.

NELSON:- (ofendido) - Quantas vezes eu já pedi pro senhor sair daquela área? Diga agora que eu quero pro var já prá comunidade.

CORONEL:- Você saiu porque eu pedi e você atendeu.

NELSON:- Mas eu nunca falei pro senhor: " me dá casa na cidade" - falei isso pro senhor? A minha comunidade está ouvindo.

CORONEL:- (desconversando) - O Naildo tem telefonado prá aqui.

NELSON:- (insistindo) - Eu nunca pedi pro senhor uma coisa dessas, área' fora ...

CORONEL:- (Arrumando as coisas) E nem pede...

NELSON:- E nem peço. Porque eu me

considero Cacique Geral da Comunidade Pataxó. Tá eles aqui, que são bem, lá Aldeia que sabem, e não tem um que mora com eles que sabe. Mas eu digo: eu acabo junto com eles, bom ou ruim eu acabo junto com eles. Eu sinto isto, que um cara fale isso com nós.

CDRONEL:- Minha preocupação com vocês Nelson, é que cada um quer mandar ali dentro. Naildo, Higino, Samado, Você. Todos querem mandar lá dentro da comunidade. Agora quem resolve isso é vocês. Não é a FUNAI que vai resolver isso. Muito cacique prá pouco índio. Nelson, te aconselho: volta prá Aldeia e diga: quem manda aqui é só um que é o Cacique. Eu te apoio. Apoio vocês. Se Higino falar, ninguém atende, se outro falar, ninguém atende.

Vai embora que estão querendo te derrubar, já tive dois telefones - mas de lá, sobre isso. Me disseram: "Nelson saiu, arribou daqui - sábado, não avisou prá ninguém" como quem diz: abandonou a área. Nelson, reúne lá teu pessoal e diz: " Falei com o presidente (leve os recortes de jornal que saiu a notícia ) e o presidente disse que tá na justiça" -na 2ª quinzenade fevereiro eu vou lá no Caramurú. Assuma a liderança sozinho. Tô dando a cobertura a vocês. Tá tudo gravado, leva prá vocês ouvirem na Aldeia. Quem de vocês sabe ler? Ontem você me falou do negócio da invasão lá - pois já tem um telegrama - aqui, eu passei prá polícia federal (alguém lê o telegrama):

" Doutor Hélio Romão Damázio - coordenador do Depto Central da Polícia Federal - solicito seu empenho em determinar as providências para coibir (impedir) invasão de gado, pertencente ao fazendeiro Teodir -área fazenda São Lucas. Referido cidadão não tem atendido aos pedidos dos índios Pataxó para retirada do seu rebanho, parte da cerca está destruída pelo fogo, situação poderá, caso não se ja tomada urgente e severas providências, gerar sérias tensões entre brancos e índios.

Paulo Moreira Leal "

Leve prá vocês lá. Você volta com uma mensagem de tranquilidade. De esperança. Assume a liderança logo, você. Porque tem quatro lideranças lá dentro. Uma quer uma coisa e o outro não quer. Eu chego lá e converso com você, tenho de ver o Naildo, Samado, Higino. Então volta, reúne. Diz: "Vocês me escolheram como chefe? Então, eu vou ser o chefe e ninguém vai falar mais por mim" (imitando o jeito de falar do Nelson, e falando pelo Nelson).

Um juiz saiu de seu gabinete e foi lá na área de você. Primeira vez que um juiz faz isso. Nem solado vai. É um juiz quem fêz isso, ele decidiu, ninguém descumpre.

Então vai lá Nelson, toma a liderança sozinho. No jornal saiu o Higino - ele foi lá na Bahia - fez o diabo.

ASSESSOR DA FUNAI: - Até mesmo no problema da água, você se lembra que ia fazer cisterna (poço d'água), aquele rapaz tinha todo o projeto pronto. Eu vim embora e o Higino disse que não queria cisterna nenhuma lá. A água levou um tempão prá chegar lá, por causa da divisão, tava tudo pronto.

CORNEL: - Agora aqui em Brasília eu só aceito falar com chefe. Você vê eu só falo com chefe. O Nelson foi o único cacique que me atendeu aqui, mas quem decide qual é o chefe é o índio. A FUNAI, não tem autoridade prá decidir isso. A tribo pode ter um conselho, mas somente um fala. "Olha presidente nós vamos sair daqui". Suponhamos que o juiz dá ordem - prá sair de lá...

PATAXÓ: - (Burburinho, todo mundo falando ao mesmo tempo, discordando da idéia de sair)

CORNEL: - ... chega lá o Higino, o Samado e diz: "eu embora". E vocês quem é que tá mandando? É isso que eu digo. Chefe é chefe! Não podemos mentir. Eu disse "No dia 28 eu estou lá em Ilhéus" era fim de ano mas eu fui. Fui e acertei com ele! Infelizmente recebi umas ordens - em contrário. O projeto de vocês tá pronto, in'

clusive com construção de enfermaria, escola e tudo, só depende da autorização do juiz: "Pode fazer". Aí eu vou fazer daquilo ali uma fazenda prá vocês. É uma questão pessoal!

Nelson, nós vamos fazer isso juntos. Você pode voltar tranquilo. Diga: "O presidente me deu sua palavra, não me enganou até agora Vou voltar, assumir a liderança".

Pode publicar isso!

"Vou assumir a liderança Pataxó" - (diz o presidente) - Se não o Higino fica me telefonando, o Samado fica me telefonando "presidente eu vou embora prá tal lugar" - eu não posso autorizar. (encerra o presidente).

PATAXÓ: - Presidente esse problema da comunidade com o Nelson, um grupo lá de pessoas; no tempo de Carlos Grossi (delegado da FUNAI que esteve trabalhando na área Pataxó) ele estava na administração - então o Carlos Grossi começou a jogar o pessoal contra o Nelson em conflito, o Nelson entrou naquela jogada, então o Higino mais o Nivaldo ....

NELSON: - (finalmente falando por si) Presidente, o senhor disse aí agora há pouco: "Se você quiser prá arredar pé de tudo", dava todo o apoio prá gente não mexer naquilo lá, arredar fora de tudo, o que foi que eu disse? Disse que não. O mundo todo prá mim e meu sangue ficava sofrendo. Não falei isso pro senhor? Então eu fui, tenho que sofrer por meu sangue. E tô lá. Agora eles chegam, provam o nosso apoio. Eu apoiei de acordo com toda a comunidade. Porque havia falsidade da parte do delegado, de Carlos Grossi, com a comunidade.

Eles (o Higino, Samado, Naildo) - pensam que eu apoiei. É isso aí que tá o problema.

Eu não apoiei, e não apoio erro de ninguém. Se o senhor me disser "toma essa sala cheinha de dinheiro" eu dispenso. Quero morrer em cima do chão durinho. Não quero morrer na grandeza e deixar o meu povo sofrendo como tem sofrido.

PATAXÓ: - (um membro do conselho Pataxó) Essa família que o Nelson tá falando - a gente chega lá,



tem um grupo que entende que o Nelson, que teve muito sofrimento prá entrar na área, então tem ele como cacique. Mas esse grupo que tem lá, não entende o Nelson, não. Então lá dentro tem um Conselho: que é o Nelson, Eu e outro. Eles chegam (Higino, Samado, seu João Velho) um dia e falam que está tudo bem, mas aí no outro dia já falam: "Agora o que entrar aqui - prá plantar vai levar tiro". Então com esse grupo não tem jeito, não vai bulir, deixa lá...

NELSON:- Tudo que é deles nós entregamos prá eles, assim não dá problema.

CORONEL:- Vocês vão dividir?

NELSON:- Não. Vamos entregar a roça deles...

CORONEL:- Mas não vai dar problema.

NELSON:- Não meu pessoal já controlou tudo.

CORONEL:- Eu tô dizendo o seguinte prá vocês: A gente apoiando vocês, vocês vão ficar fortes, nós podemos ganhar essa guerra, quem vai ajudar é vocês, entendeu?

PATAXÓ:- Com o problema da terra resolvido ...

CORONEL:- Volte prá Aldeia, assumo a liderança, eu constarei você como chefe. Quando o Juiz voltar de férias - ele vai voltar no dia 9, 10, até o fim do mês vai julgar esse processo. Eu lhe asseguro que na segunda quinzena de fevereiro eu estarei lá, vou lá com vocês. Vou pedir ao pessoal da FUNAI prá tratar você como chefe da comunidade, se dirigir só a você. Procurem a Imprensa e digam: "Tivemos uma reunião com o presidente da FUNAI, ele me pediu prá confiar na justiça. Vou confiar, vou voltar prá minha aldeia, assumir a liderança, somente o Nelson Saracura - que sou eu, vai falar pela comunidade Pataxó, ali em Pau Brasil".  
Você comunica isso prá toda a sociedade. Senão vocês perdem essa terra. Porque cada um diz uma coisa.

URSULINO:- O que acontece é que eles falam que o Nelson não representa nada por escrito aqui da FUNAI, dizendo que ele é o cacique...

CORONEL:- Mas eu não posso dizer, quem tem que fazer isso é você...

URSULINO:- Mas eles querem.

CORONEL:- Quem decide isso são vocês, os índios, a comunidade. Se disserem o Ursulino é o chefe - eu acato você como chefe.

UM ÍNDIO KAINCANG DO PARANÁ QUE ESTAVA NA REUNIÃO:- Eu também sou cacique lá na minha área, se a comunidade acha que o meu serviço não está bem feito, me tira fora...

NELSON:- O senhor prometeu aqui pra gente, que se tivesse algum problema lá dentro da comunidade, alguma dúvida da própria polícia federal, que eu viesse aqui e o senhor marcava uma reunião pra levar nós junto ao ministro Mário Andreazza. Aí eu pensei: vou esperar, porque é impossível que esses homens não apoiem...

CORONEL:- Eu prometi isso.

No dia que resolvermos essa questão, eu levo vocês, garantido. Agora parece que estamos pressionando o Ministro, e isso não é bom. Mas eu prometo que vamos lá - você vem aqui com uma roupinha baiana de índio, dá a sua borduna de presente pra ele...

NELSON:- Eu tenho minhas roupas, tudo...

CORONEL:- Eu sei. Já fiz isso com um índio brabo. Nós ganhamos uma questão aí, fomos lá. Aí nós vamos comunicar isso à imprensa... E lá você vai ser recebido na sala de honra do Ministro. Eu nunca prometi isso, prometo aquilo que tá gravado. Assim vai parecer que a gente está pressionando o Ministro.  
E o Ministro gosta muito de vocês, ele me disse: "tô preocupado com isso"... Ele não tem me negado apoio. Já levei o Ministro numa reunião...

serva aí que um índio brabo abraçou ele e deu o maior colar pra ele. Por que não vocês?

Na segunda quinzena de fevereiro eu vou lá me encontrar com vocês, pode confiar. Eu vou em Ilhéus - primeiro, porque eu gosto da praia e, eu prometo. Estou pra ir agora pra Roraima, demoro muito tempo pra voltar, porque lá uns índios, uma aldeia de índios (tenta lembrar o nome da tribo - desiste). Vocês tem razão de estar com raiva, aperreados. Vou recomendar meu pessoal e até o pessoal da polícia federal pra tratar você como chefe.

Uma oportunidade agora, é você dizer isso pra imprensa: "Vou pra aldeia, esperar a decisão da justiça. Confio na justiça, porque o presidente me explicou."

Aí você vai ver como você cresce. Esse índio que estava aqui, eu chamo ele aqui, o Aniceto, já tá pensando diferente, tá crescendo. Hoje um fazendeiro foi lá elogiá-lo... O Aniceto disse: "Eu colhi pouco, apenas 18 mil sacos de arroz".

PATAXÓ: - Isso nunca nós colhe. Temos boa vontade, mas a terra...

CORONEL: - Vocês não sabem a terra que têm, que vão ter. Porque na hora que a gente ganhar essa questão... Se eu conseguir esses 1.200 hectares, vocês vão plantar muita coisa. Só a horta que vão fazer ali é um negócio muito sério. E vamos trabalhar pra essa área maior, não, não - descanso enquanto não ver isso. Vou mandar o Cláudio e um outro lá, fazer esse levantamento rápido, vou pedir pro doutor Ximenez fazer uma lista com os nomes de cada um que tem lá: fulano de tal tem uma rocinha avaliada em tantos cruzeiros... Quem me obedecer vai ter um bom apoio

PATAXÓ: - Pra isso existe a FUNAI. Pra resolver o nosso problema, tem que atender a gente (burburinho, todo mundo falando ao mesmo tempo, é o fim da reunião).

Representantes Pataxó em reunião com Dom Luciano Mendes de Almeida da CNBB.

Foto: Correio Braziliense



# A QUESTÃO DA TERRA

Foto: Carlos Santana



Essa a entrada da Fazenda São Lucas, em Pau Brasil.

Questão Pataxós vai a julgamento a 9 de fevereiro

Concedendo a liminar no Interdito Proibitório requerido pela Funai, em favor dos Índios Pataxós-Hã, hã, para que retornem à reserva Caramuru-Paraguaçu, no sul do estado, o juiz federal José Lázaro Alfredo Guimarães, de signou o dia 9 de fevereiro p.v., às 15 horas, para a audiência de instrução e julgamento.

A decisão do juiz, que constitui a primeira parte do julgamento da ru morosa pendência, tem o seguinte te or:

"Vistos, etc.

A Fundação Nacional do Índio — Funai — ajuizou Interdito Proibitório, com pedido liminar, contra Jenner Pereira Rocha, alegando, em resumo, que os índios Pataxós-Hã-hã retornaram, em abril do ano passado, à Reserva Caramuru-Paraguaçu, criada em 1926, por decreto estadual, e se instalaram nas terras ocupadas pelo réu, que, por volta de 1947, se apoderara de parte da área, ali implantando plantações e criatório de gado.

Antes de decidir quanto à medida antecipativa, designei inspeção judicial. Citado o réu, notificada a dou ta Procuradoria da República, em ra

zão do disposto no Art. 36, parágrafo único, da Lei 6.001/73 (a União, no ca so, é litisconsorte necessária ulte rior), o Estado da Bahia, pelo seu ilus tre procurador, postulou intervenções com litisconsorte, argüindo conexão em relação a ação declatória em cur so. Como não houvesse identidade de objeto, ou de causa de pedir, nem pos sibilidade de decisões conflitantes, rejeitei a integração à lide da enti dade federada, como pretendido, admi tindo, porém, que interviesse na qua lidade de assistente simples.

Realizada a inspeção, na qual con tei com assistência do antropólogo Pedro Agostinho da Silva, o Estado da Bahia, com vista, manifestou-se sobre o pedido liminar, sustentando, em síntese:

- a) incompetência deste juízo, dado o conflito de interesses entre a União e Estado;
- b) inexistência dos requisitos da pos se e da ameaça, para concessão limi nar;
- c) — legitimidade da titulação das terras da antiga R.I. Caramuru-Para guaçu, porquanto jamais passaram ao domínio da União.

Trouxe documentos de fls. sobre os quais se pronunciou a autora.

Este juízo é competente para co nhecer do interdito, no qual se dis

cute a posse da área litigiosa, e não o domínio. Aqui, o Estado da Bahia é mero assistente simples.

O Supremo Tribunal Federal e Tribunal de Recursos têm orientação firme no sentido de que a assistência adjuvandum não desloca a competência

Diferente a hipótese daquela enfrentada na ação em que a Funai pede a declaração de nulidade dos títulos de terras outorgados pelo Estado. Ali, de um lado está a União (Art. 36, parágrafo único da Lei 6.001), e, de outro, também como litisconsorte, o Estado.

Rejeito, portanto, a objeção de incompetência absoluta.

O réu, Jenner Pereira Rocha, deveria aguardar a decisão referente à liminar para, após, contestar mas o fez antecipadamente. Nesta fase do processo, cinge-se o juiz a apreciar o cabimento, ou não, da medida in itinere.

De logo, afaste-se, porém, a arguição de conexão, formulada como preliminar, pelas mesmas razões expendidas no despacho.

Passo a decidir quanto ao pedido liminar, e o faço como motivação mais ampla que o usual, por duas razões básicas: 1- sendo o Estado da Bahia, interessado, ainda que indiretamente, no feito, pronunciando-se contra a concessão da medida, na defesa da validade dos atos de sua administração, e como, no polo ativo da relação processual, estão a Funai agindo com poder delegado (Art. 7º, parágrafo 2º, do Estatuto do Índio), e a União, fez-se necessária a análise detida dos fatos e sua qualificação jurídica, para subtrair-se a colisão de atos administrativos todos eles presumivelmente legítimos; 2- há um número elevado de pessoas envolvidas na questão, espalhando-se por quase toda a região produtora de cacau na Bahia, um forte clima de tensão, daí a importância de, não só apreciar-se cabível ou não o provimento provisório, mas, e principalmente, convencer da justiça da decisão, para se obter, além da segurança, a pacificação social.

Na inspeção realizada, delineou-se o quadro que pode ser assim sintetizado:

1- as tribos Pataxós-Hã-hã, que habitavam a reserva Caramuru-Paraguaçu, foram dali expelidos, por volta de 1947-51, pela ação dos colonos arrendatários, que ali se mantinham com a

conivência de servidores do antigo Serviço de Proteção ao Índio;

2- emigraram, então, para diversas localidades e um grupo considerável se fixou na Fazenda Guaranis, em Minas Gerais, de onde, em abril de 1982, sob a liderança do cacique Saracura, resolveu voltar à sua terra;

3- uns poucos índios, entretanto, já mais haviam deixado o local, nestes prevalecendo sobre o instinto de preservação de sua integridade física, a visão telúrica do universo, a dependência existencial às suas raízes;

4- empreenderam o retorno, sob a proteção da Funai e da Polícia Federal, reocupando, em abril, a Fazenda São Lucas, encravada no local da antiga sede do Posto Indígena Caramuru-Paraguaçu;

5- no contato com os indígenas, verifiquei serem relativamente aculturados, deles obtendo densos relatos de violências que no passado foram praticadas pelos então arrendatários, para os desalojar da reserva;

6- por volta de agosto, uma parte dos índios - cerca de 350 - foi removida para o Centro Experimental de Almada, permanecendo, na Fazenda São Lucas, ou P.I. Caramuru-Paraguaçu, cerca de 86 silvículas;

7- a todo tempo, os indígenas, em Paraguaçu tiveram, como têm ainda, a proteção da Funai e da Polícia Federal;

8- há, entre os agricultores de Pau Brasil, município onde situa a reserva, fortíssima reação à presença indígena, manifestada em concentração à chegada da comitiva para a inspeção judicial e no encontro realizado no auditório do cinema local;

9- decorre essa reação do temor generalizado de perda de terras ocupadas ou já tituladas pelo Estado da Bahia;

10- os indígenas reconhecem que não sofreram diretamente do réu qualquer ameaça, mas só se sentem relativamente seguros no lugar, face a presença ininterrupta da Polícia Federal;

11- esse risco latente, oriundo da exaltação de ânimos em Pau Brasil, com extensão, por sinal, por quase toda a região cacauífera, é confirmado pelo diretor da Polícia Federal em Ilhéus, Drº Guido José Alves Dias".

Assim postos os fatos, há ainda a observar que os documentos de fls. 125, 151 comprovam que o réu sempre se portou como dono das benfeitorias implantadas, mas não das terras, tanto que celebrou os instrumentos de

"cessão de benfeitorias encravadas no P.I. Paraguaçu".

O Sr. JENNER PEREIRA ROCHA, portanto, sempre teve a consciência de que ocupava terras reservadas aos silvícolas.

Nesta fase processual, inviabiliza-se o exame profundo de mérito, o que somente ocorrerá após ouvida a parte contrária e encerrada a instrução.

Indispensável, porém, para a decisão quanto ao pedido liminar, a análise dos dois requisitos previstos no Art. 932 — posse e justo receio, pelo possuidor, de ser molestado.

A posse requer a conjugação dos elementos físicos (corpus) e voluntário (animus).

Em relação às comunidades indígenas, há a considerar o tratamento especial estabelecido nos Arts. 4º, IV 198 e seus parágrafos, da Constituição da República.

Vale transcrever, porque a nação parece andar ultimamente, esquecida de que possui uma Carta Fundamental, os Arts. 198 e seus dois parágrafos, CF.

Art. 198 - As terras habitadas pelos silvícolas são inalienáveis nos termos que a lei federal determinar, a eles cabendo a sua posse permanente e ficando reconhecido o seu direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nelas existentes.

Parágrafo 1º - Ficam declarados a nulidade e a extinção dos efeitos por objeto do domínio, a posse ou a ocupação de terras habitadas por silvícolas.

Parágrafo 2º - A nulidade e extinção de que trata o parágrafo anterior não dão aos ocupantes direito a qualquer ação ou indenização contra a União e a Fundação do Índio.

Sobre o assunto, acentua DIOGO DE FIGUEIREDO MOREIRA NETO: "Como bens públicos já seriam, por definição tais terras, inalienáveis senão na forma da lei; entretanto, para maior garantia dos aborígenes, a constituição afasta o regime geral que se fulcra no Art. 171 (in Dir. Adm. 3a. Ed. Pág. 413).

Já com a criação do Serviço de Proteção aos Índios, em 1910 os territórios das comunidades indígenas já foram declarados inalienáveis.

Se é verdade que a primitiva redação da Constituição de 1967 não previu expressamente a inalienabilidade, o certo é que não traçou sistema diferente do até então vigente. Quando da Emenda nº 1, de 1969, que deu a redação atual daqueles dispositivos, apenas consolidou-se o regime da inalienabilidade.

Desse modo, a perda física da posse (corpus) pelos Pataxós, de 1947 a abril de 1982, dado o caráter inalienável dessa posse, não a extingue.

Além do mais, conforme a lição dos melhores tratadistas, a descontinuidade da posse configura vício temporário, não a elimina, se reexercido o 2º corpus.

A propósito, ensinam os MUZEAUD: "... o erro e a descontinuidade não fazem desaparecer a posse. Qualquer que seja o vício que a tenha afetado, a posse produz novamente seus efeitos desde que o vício cessou. A posse útil recomeça, então, desde que os atos de senhorio revelam claramente, de novo, a intenção do possuidor e a ausência de interrupção" - tradução livre (Leçons de Droit Civil" - t. 2º vol., 4a. Ed. pag. 135).

Desde que os Pataxós habitaram e voltaram a habitar a área onde estava sediado o antigo P.I. Caramuru-Paraguassu, revela-se a posse, permanente e inalienável, garantida pela regra constitucional, inapartável.

Quanto ao animus, como já dito, reflete-se em cada gesto, em cada palavra dos Índios. Esta enraizada em seu espírito a ligação àquela porção de terra.

O receio de ser molestado, outro requisito desta ação possessória, deve apresentar-se no possuidor. Despendida a verificação da vontade de tubar, pelo réu. Este o magistrado de ORLANDO GOMES.

"Se o possuidor é ameaçado de ser molestado em sua posse, indiferente será que o autor da turbação tenha, ou não, a intenção de praticar o ato turbativo. Basta que seja fundado o receio do possuidor de sofrer turbação ou esbulho". (Direitos Reais", 4a. Ed., Pág. 91).

Revelante o temos dos indígenas de serem molestados, porque o ambiente, em Pau Brasil e Itaju do Colônia, lhes é francamente hostil.

Observe-se, por outro lado, que, no cuidado de proteger os indígenas,

a Funai deve zelar para que eles se limitem a ocupar a área da Fazenda São Lucas, onde estão, ressalvada a indenização pelos prejuízos sofridos pelo réu.

Isso por uma razão bem simples : não pode prevalecer quanto à posse oborígene naquela zona a concepção formalista, calcada no traçado geográfico da reserva, em 1926.

A sociedade é dinâmica. A situação da área se transformou bastante. E revela notar que a Constituição somente garante as terras efetivamente habitadas pelos silvícolas - o território necessário à sobrevivência comunal. (V. Hely Lops Meirelles, "Dir. Adm. Bras", 7a. Ed., Pág. 512).

Próxima ao litoral e a centros urbanos desenvolvidos, como Ilhéus e Itabuna, a antiga reserva Caramuru-Paraguassu, como os tempos mudaram, bem como as circunstâncias que presidiram sua demarcação, não pode manter, porque configuraria absurdo, uma extensão que represente um impasse para a própria economia regional.

Esse ponto é aqui assinalado em razão da percepção, quando da inspeção judicial, do terrível abalo sobre a região cacaeira motivado pela discussão sobre o domínio dos mais de 36 mil hectares da antiga reserva.

Diante do exposto, concedo a liminar. Fixo em Cr\$ 200.000,00 por dia a pena para o caso de turbação, caso transgredido o preceito. Expeça-se mandado. Comunique-se à SRPF.

Defiro a produção de prova teste munhal. Designo o dia 9 de fevereiro, às 15 horas, para a audiência de instrução e julgamento. Intimem-se, inclusive a douta Procuradoria da República, sendo de assinalar que devem funcionar neste feito dois procuradores, um deles representando a União, que é litisconsorte ativa, e o outro como fiscal da lei, dada a existência de interesses de incapazes.

Salvador, 07 de janeiro de 1983

DRº JOSÉ LÁZARO ÁLFREDO GUIMARÃES

JUIZ FEDERAL DA SEGUNDA VARA

## NOTAS

### A CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

A comunidade dos Índios Pataxó-Hã-Hã denuncia, através desse documento, as condições desumanas às quais está submetida na fazenda São Lucas, localizada na reserva indígena Paraguaçu-Caramuru no sul da Bahia.

"Somos quase 700 Índios, dos quais 150 crianças, concentrados numa área restrita de 2 hectares. Não temos liberdade de sair desse local, que está cercado por 127 policiais militares que impedem o acesso à fazenda de mais 1.500 irmãos Pataxó, que se encontram nas proximidades. Em volta de nós, os fazendeiros nos ameaçam com armas poderosas e violência.

A Funai fornece mantimentos para a nossa comunidade, mas não deixa que a gente plante na área. E com isso não conseguimos garantir por nossas próprias mãos o nosso alimento. Não podemos trazer a nossa criação da fa-

zenda Almada, onde estávamos, e já perdemos uma parte das nossas 60 cabeças de gado, por falta de assistência da Funai. Enquanto o tempo passa, estamos cada vez mais nas mãos da Funai para conseguir o alimento da nossa comunidade. Não queremos isso. Queremos poder cultivar e criar.

Nem água podemos conseguir sozinhos. Dependemos de um carro-pipa da Funai para beber e cozinhar. Uma vez por dia, esse carro chega na área e espalha água sobre as nossas vazilhas. Para tomar banho, usamos um poço cheio de lama. De onde estamos, podemos avistar, no local "Mundo Novo", um córrego de água limpa e clara, mas não podemos chegar até ele.

Desde que estamos sendo transferidos de área em área, a partir de novembro, já morreram duas crianças nossas. Temos medo de não resistir a essas condições tão duras e desumanas. Estamos confinados num verdadeiro campo de concentração.

A Funai diz que a gente deve esperar a decisão da Justiça. Confiamos na Justiça, mas não podemos esperar mais tempo vivendo dessa forma.

Sabemos que a terra é nossa. Temos direito a 36 mil hectares da reserva Paraguaçu-Caramuru. E esse direito não pode ser negado mais uma vez, de

pois de toda a luta de nosso povo pa-  
ra defendê-lo.

A Funai, o governo, conhece os docu-  
mentos que garantem a nossa terra. E  
nós não precisamos nem de documentos  
para saber que nessa terra viveram e  
morreram nossos avós e pais.

O que queremos da CNBB, no ano da sua  
campanha "Terra sim, Violência não",  
é que nos ajude a impedir a violên-  
cia da nossa morte, seja pela falta  
de condições de vida seja pelas ar-  
mas dos fazendeiros. Não queremos  
violência, mas existe violência maior  
do que tudo isso que está acontecen-  
do conosco?

Brasília, 6 de janeiro de 1983

\*

#### NOTA

A Associação Brasileira de Antropolo-  
gia vem a público saudar a decisão do  
Juiz Federal Lázaro Guimarães, conce-  
dendo liminar ao interdito proibitô-  
rio requerido pela FUNAI em favor dos  
Pataxós. Os antropólogos brasileiros  
estão conscientes de que a questão  
está longe de ser resolvida e que  
ainda há várias etapas a serem per-  
corridas antes dos Pataxós estarem  
garantidos plenamente em seus direi-  
tos e necessidades. No entanto, con-  
sideramos a decisão de grande impor-  
tância histórica pois demonstra a im-  
parcialidade e dignidade do Judiciá-  
rio, através da exposição de motivos  
e da decisão do Juiz Lázaro Guima-  
rães. Esperamos todos que este episó-  
dio não só prossiga no rumo que ora  
tomou mas configure-se como exemplo  
a ser seguido em relação aos diferen-  
tes grupos indígenas espalhados pelo  
Brasil e que tem sido espoliados e  
oprimidos de diversas maneiras. Obvia-  
mente, a questão da terra não se li-  
mita aos grupos indígenas mas impli-  
ca em um dos problemas mais graves e  
complexos da sociedade brasileira. A  
ABA encara o caso Pataxó como parti-  
cularmente iluminador dessas questões  
mais gerais. Considera também impor-  
tante valorizar a ação da Presidên-  
cia da FUNAI, da CNBB, do CIMI, da  
ANAI, do Cardeal Arcebispo da Bahia,  
das Comissões Pró-Índio e dos dife-  
rentes grupos e indivíduos que se em-  
penharam e que continuam lutando em  
defesa dos Pataxós. Mais uma vez, o  
papel da imprensa foi fundamental,

prios Pataxós. De seu lado, a ABA e  
os antropólogos brasileiros em geral,  
continuam vigilantes e atentos ao de-  
senvolvimento da questão em pauta.

Gilberto Velho

Presidente da Associação  
Brasileira de Antropologia

\*

#### NOTA À IMPRENSA

A Comissão Pró-Índio de São Paulo vem  
tornar público seu apoio irrestrito  
ao povo Pataxó Hã-Hã-Hãe na luta que  
trava para não perder a posse de suas  
terras. A história recente deste po-  
vo inicia com a delimitação de suas  
terras. No começo do século foi de-  
marcada, dentro da nação Pataxó sem  
fronteira, os limites da posse Pata-  
xó Hã-Hã-Hãe. Esta área, que sempre  
foi Pataxó, portanto, e que ironica-  
mente o Estado da Bahia do começo do  
século lhes concedeu, é que é hoje  
motivo de discussão se pertence ou  
não aos sofridos, oprimidos Pataxo.  
Esta história revela, por um lado, a  
impiedosa ação destruidora da estru-  
tura fundiária brasileira e a ganân-  
cia de terras fáceis e férteis de cer-  
tos grupos ligados ao poder, e por  
outro lado, a incrível resistência  
de um povo indígena que desesperada,  
mas incasavelmente luta por sua so-  
brevivência não apenas como homens,  
mas como grupo, como coletivo, como  
nação. É na defesa deste território  
que se encontra hoje em Brasília Nel-  
son Saracura, representando os Pata-  
xó Hã-Hã-Hãe, para apresentar às au-  
toridades brasileiras não só a per-  
plexidade de seu povo frente a esta  
disputa, mas principalmente a deci-  
são de permanecer na terra, sofrendo  
todas as consequências que daí advi-  
er. E por que isto representa não  
apenas o direito - consagrado na lei  
- mas a dignidade e o respeito entre  
os homens que se traduz na palavra  
justiça, é que a CPI-SP apoia irres-  
tritamente os Pataxó Hã-Hã-Hãe e con-  
clama todas as pessoas a apoiá-los.